



**Universidade Federal do Ceará**

**Instituto de Cultura e Arte**

**Comunicação Social**

Maria Gislene Carvalho Fonseca

**Características de crônica na Literatura de Cordel: o caso dos folhetos das eleições de Lula em 2002 e 2006**

**Fortaleza**

**2011**

MARIA GISLENE CARVALHO FONSECA

**Características de crônica na Literatura de Cordel: o caso dos folhetos das eleições de Lula em 2002 e 2006**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob a orientação do prof. José Ronaldo Aguiar Salgado.

Fortaleza  
2011

MARIA GISLENE CARVALHO FONSECA

Características de crônica na Literatura de Cordel: o caso  
dos folhetos das eleições de Lula em 2002 e 2006

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Monografia apresentada á banca examinadora:

---

Prof. Ms. Ronaldo Salgado (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Gilmar de Carvalho (Membro)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Klycia Fontenele de Oliveira (Membro)  
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza  
2011

## Dedicatória

Dedico este trabalho à minha avó (*in memoriam*), mulher forte, nordestina do interior do Ceará, que alternava trabalhos entre a lavoura e a máquina de costura para sustentar os filhos. Mulher determinada, de sangue quente, firme nas decisões e segura na educação dos seus. Seu jeito um tanto rude de amar mostrava as marcas que adquirira na vida.

Conheci com ela a força que pode ter uma mulher, que jamais iria se submeter ao domínio de ninguém. Com ela, conheci o modo de vida no interior, quando íamos juntas à Moraújo, onde eu abandonava os sentimentos urbanos e me rendia aos encantos da vida no sertão. É, vó, acho que a senhora ficaria feliz com os frutos que me deixou. O sertão onde a senhora viveu, no meio das plantações de carnaúba, ficarão para sempre em mim.

Dedico ainda ao homem que viveu com ela, meu avô. Meu avô que além de tudo é pai, é amigo, é companheiro. Estamos juntos todos os dias, o tempo todo. Dedico a ele este trabalho pela proteção de sempre, pelo cuidado diário, pelo esforço para este cuidar. Por ele me mimar tanto e por me deixar certa de que sem ele minha vida não seria a mesma.

Por ele manter uma ternura que eu nem sei como se mantém, por me irritar quando reclama demais, por acabar atrapalhando quando tenta ajudar, por me fazer rir e por me deixar cheia de saudade e de medo de perdê-lo. Ao meu avô, de quem eu dependo tanto.

Por fim, dedico à minha mãe. Outra mulher que me inspira. Pela coragem tímida, por ser independente, por ter trabalhado dia e noite para garantir o meu sustento, por não se opor a absolutamente nada que eu quisesse fazer, me ensinando desde cedo a assumir as responsabilidades pelas minhas escolhas. Dedico pela paciência, e até mesmo por ela não acreditar na validade e na importância desta pesquisa.

Gisa Carvalho

## **Agradecimentos**

A Deus, antes de tudo, por ter me colocado no caminho certo e por ter colocado as melhores pessoas neste caminho para me ajudar.

À minha mãe por ser quem ela é e nunca ter medido esforços pra me fazer quem sou. Ao meu avô pela companhia e paciência de todos os dias. À Tia Aninha e à Klycia que me alertaram sobre a importância de artigos, publicações e eventos acadêmicos, que ao longo do caminho, foi onde realmente me encontrei. À tia Aninha, novamente, pelo apoio estrutural garantido para a conclusão da graduação. À Tia Claudia por acabar com a bagunça da Ana Ewellyn e da Yohanna quando eu precisava estudar.

Aos meus queridos amigos: Renan, Namel e Herbênya, que de idas e vindas, compartilharam os anseios da vida acadêmica. Ao Deivide, ao Erlon e ao Damien que me viam no final de todas as aulas e que me alegravam independente do que tivesse acontecido no dia. À paciência do Thiago que esteve ao meu lado nos dois primeiros anos de faculdade e aos conselhos do Mário nos dois últimos. Ao Rafael Salvador, um grande amigo que tive a sorte de encontrar pela UFC e que fez muito bem seu papel de anjo da guarda, como já prevê seu nome. Aos Comparsas da Vivenda que foram a trilha sonora das horas em frente ao computador tentando escrever.

À Fanka Santos que com muita gentileza me cedeu tempo para conversarmos sobre cordéis e teóricos do tema, e ainda me abriu os olhos para abismos que eu não conseguia enxergar. Ao querido Ronaldo Salgado, meu orientador, que me deu coragem para ousar no tema e que acreditou que eu seria capaz de fazê-lo.

*“Cordel é um jeito de olhar o mundo, com a inocência dos tempos antigos, a sabedoria das camadas populares e uma sensibilidade e riqueza de detalhes. É improvisado e emoção. É disciplina e sedução. O prazer de ouvir e ler. A possibilidade de viajar na imaginação e compor um mundo sem as exigências de uma racionalidade e ao sabor da poética da voz.” (Gilmar de Carvalho).*

## **Resumo**

Este trabalho se propõe a estudar as características de crônica presentes da literatura de cordel. Para isso, utilizamos autores que conceituam os dois gêneros, para, em seguida, analisarmos as características que os assemelham. Características como subjetividade, o registro da memória, a temática do cotidiano, a linguagem corriqueira, a ambiguidade que permite situá-los entre a Literatura, a Comunicação e a História são consideradas quando analisamos os doze folhetos escolhidos para realizar o estudo de caso. Pensamos, ainda, na função social do cordel como um gênero capaz de informar, opinar e registrar uma memória coletiva. Escolhemos os folhetos sobre o Presidente Lula pela significativa representação que a figura ostenta para o imaginário nordestino, espaço de onde saem a maioria dos folhetos de cordel. Apesar de não se considerar o cordel uma crônica, realiza-se uma aproximação, a partir das características que são semelhantes às duas formas de expressão literária que têm como ponto de partida o cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de Cordel, Crônica, Lula

## **Abstract**

This paper aims to study the characteristics of chronicle that are in Literature of Cordel. For this, we use authors that do the concept both styles, after we analyze the characteristics that liken it. Characteristics like subjective, memory register, routine's subject, usual language, ambiguity, that permits place them between Literature, Communication and History are considered when we analyze the twelve "chapbooks" chosen to do the study in case. Also we think in social function of Cordel, a kind of style that can inform, to give an opinion, register a collective memory. We chose chapbooks about Lula because of the big representation that this image mean to the northeast's imaginary, place where the majority of "cordéis" are from. Nevertheless, we can't say that cordel is a chronicle, we bring together, based in characteristics that are similars in them, two kind of expressions that have start in the everyday.

**KEY-WORDS:** Literature of Cordel, chronicle, Lula



## Résumé

Ce travail veut étudier les caractéristiques de chronique qui sont à littérature de Cordel. Pour ça, nous utilisons auteurs qui conceptualisent les deux genres, pour, après, analyser les caractéristiques qui les ressemblent. caractéristiques comme subjectivité, enregistrer la mémoire, thème quotidienne, langage courant, ambiguïté qui permet situer entre Littérature, Communication et Histoire sont considérées quand nous analysons les douze dépliants choisis pour élucider le cas. Nous pensons aussi dans la fonction sociale du Cordel comme un genre qui peut informer, opiner e enregistrer la mémoire collective. Nous choisissons les dépliants sur Lula a cause de la signification que son figure représente pour l'imaginaire du nord-est brésilien, lieu dont sort la plupart de les Cordels. Malgré, nous ne considérons pas le cordel une chronique, nous approchons les caractéristiques qui se ressemblent dans les deux formes d'expressions littéraires, qui partent du quotidienne.

**MOTS-CLÉS:** Littérature de Cordel, Chronique, Lula

# Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Resumo</b> .....   | <b>7</b>  |
| <b>Abstract</b> .....   | <b>8</b>  |
| <b>Resumé</b> .....   | <b>9</b>  |
| <b>Introdução</b> .....   | <b>11</b> |
| <b>Capítulo 01- Do sertão ao urbano: conceitos de crônicas e cordéis</b> .....  | <b>14</b> |
| 1.1 Literatura de cordel: uma mescla entre tradição e modernidade .....   | 14        |
| 1.1.1 Folheto: a voz impressa.....  | 14        |
| 1.1.2 Resíduos do caminho .....   | 18        |
| 1.1.3 Diversos temas em uma só história .....   | 20        |
| 1.2 A Crônica: uma flor no asfalto.....   | 22        |
| 1.2.1 A flor do asfalto desabrocha no jornal: um gênero de jornalismo<br>opinativo.....                                     | 26        |
| <b>Capítulo 02: O registro da memória cotidiana em versos: o relacionamento íntimo entre a<br/>crônica e o cordel</b> ..... | <b>31</b> |
| 2.1 Informação e opinião em versos .....  | 31        |
| 2.2 Características do gênero colibri .....   | 37        |
| 2.3 A flor do asfalto desabrocha nos folhetos de cordel .....   | 40        |
| <b>Capítulo 03 A crônica das eleições de Lula na Literatura de Cordel</b> .....   | <b>47</b> |
| 3.1 A trajetória de Lula: do agreste nordestino ao Palácio do Planalto .....  | 47        |
| 3.2 Luís Inácio: seria apenas mais um nordestino retirante em São Paulo .....   | 48        |
| 3.3 O Nordeste e um nordestino na Presidência .....   | 50        |
| 3.3.1.As imagens do Nordeste.....   | 51        |
| 3.3.2 Lula: o Presidente nordestino .....   | 54        |
| 3.4 Em 2002 a esperança vence o medo e o Nordeste chega à Presidência .....   | 55        |
| 3.5 A crônica presente nos folhetos sobre Lula .....  | 57        |
| 3.5.1 “A esperança venceu o medo” – Eleições de 2002 .....  | 58        |
| 3.5.2 “Deixe o homem trabalhar” – Eleições de 2006 .....  | 66        |
| <b>Considerações finais</b> .....   | <b>71</b> |
| <b>Referências bibliográficas</b> .....   | <b>75</b> |

## Introdução

A literatura de cordel tem origem na voz, na cantoria, na interpretação, na performance utilizada para contar uma história, seja ela fictícia ou real. A liberdade do poeta é intrínseca, desde que ele consiga respeitar a proximidade entre seus versos e a oralidade, para, então, atrair ouvintes que se tornarão compradores, leitores e difusores dos folhetos.

Os poetas possuem também liberdade de temas e de abordagem. Eles escolhem fazer adaptação de clássicos da literatura universal, contar anedotas, histórias da tradição local, lendas, biografias dos que consideram santos. Criam as próprias histórias para comentar as práticas sociais e, finalmente, exercem função informativa ao apropriar-se das notícias que são veiculadas na mídia e dar-lhes uma versão poética. Em seguida, transcrevem nos folhetos. Nesse momento, as notícias viram mais do que poesia...

A transformação de uma notícia em poesia de cordel recebe, além de ritmo, métrica e forma em versos, um acréscimo no conteúdo. É a presença da subjetividade do poeta que interpretará aquela notícia. Essa subjetividade oferece ao texto uma linguagem específica que se aproxima da literária, mas sem afastar-se da linguagem coloquial, simples, cotidiana. O texto de cordel, então, transita entre a informação, a literatura e os registros de memória.

A mesma ambiguidade e possibilidade que o cordel possui de circular entre várias áreas, encontramos na crônica. Um gênero que gera diversos conflitos conceituais, exatamente pela dificuldade de classificação, a crônica fica entre a informação e a literatura, com uma linguagem subjetiva e poética. Encontramos informação no texto mas encontramos também o autor, suas ideias, seu olhar sobre o mundo. São essas impressões que fazem da crônica e do cordel dois gêneros que perpetuam a memória de um tempo, sem cair na frieza dos registros históricos formais, ou sem perderem valor ao final do dia, como acontece com os jornais.

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre as características que aproximam a poesia de cordel e as crônicas. Para essa reflexão, utilizamos os conceitos de Literatura de Cordel, formas e origens do gênero, a partir dos estudos de Gilmar de Carvalho, Ria Lemaire, Márcia Abreu e Joseph Luyten. Já os conceitos de crônica são

trabalhados sob as perspectivas de Massaud Moisés, Flora Bender, Ilka Laurito e Antonio Candido. Entretanto, não chamamos o cordel de crônica, considerando que cada gênero apresenta suas especificidades. O que este trabalho apresenta são algumas características que aproximam os dois gêneros.

Como estudo de caso, trabalhamos com os folhetos que contam as vitórias de Lula em 2002 e 2006. A escolha deste personagem deu-se pela relevância dele para o imaginário nordestino, considerando a quantidade de folhetos que circulam relatando a biografia do Presidente; pela identificação que muitos poetas mostram como história de luta deste homem e o orgulho e a confiança que possuem por ter um Presidente da República que viveu de perto os problemas sociais enfrentados por quem não tem recursos financeiros. O recorte das eleições foi feito por, nestes folhetos, serem apresentados simultaneamente a notícia e as repercussões, além, é claro, dos sentimentos dos poetas diante da nova realidade.

Para isso, o trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro trata de aspectos teóricos que definem e especificam o que chamamos de crônica e de cordel. Apontamos as características e os conceitos de cada um com base nos teóricos já mencionados. A revisão bibliográfica foi um importante método utilizado que possibilitou referenciar as características que são trabalhadas no decorrer desta pesquisa.

No segundo capítulo, traçamos um paralelo entre as características da crônica e do cordel que nos permitem refletir a proximidade entre os dois gêneros. Trabalhamos também neste capítulo as notícias veiculadas na Literatura de Cordel, as formas como são apresentadas e as especificidades que trazem, principalmente, no que diz respeito à presença da opinião.

O estudo de caso é feito no terceiro capítulo, quando apresentamos a biografia do nosso personagem tratado para contextualizar os significados que ele possui no imaginário dos cordelistas, principalmente os nordestinos, considerando que todos os folhetos analisados são de poetas do Nordeste. Portanto, refletimos também sobre os conceitos de nordestinidade e as imagens que a região difunde pelo restante do país, principalmente quando um personagem como Lula, que representa bem muitos dos estereótipos do Nordeste, chega à Presidência da República.

Selecionamos, então, doze folhetos para análise e apontamos neles as características de crônica que são levantadas nos capítulos anteriores. Mostramos como é, sim, possível estabelecer uma relação de diálogo entre os gêneros, buscando manter o

foco nas relações que se fazem entre o conteúdo dos cordéis e as principais características da crônica.

Estudar as crônicas feitas em verso, cantadas pela voz e escritas em cordel, permite pensar a função social dos folhetos dentro do grupo onde circula. Podemos, a partir dessa análise, observar que o cordel exerce função informativa e de formador de opinião dentro de uma comunidade, a partir do momento em que ele se utiliza do real e atribui a ele subjetividade, opinião e juízo de valor. Num misto entre passado e presente, antigo e atual, rural e urbano, o cordel traz a forma popular de encarar uma notícia, acrescida de suas opiniões e transformada em poesia.

A escolha dos cordéis que falam das duas eleições de Lula como estudo de caso deu-se devido à importância que o personagem teve e ainda tem no imaginário dos poetas. Por conta dessa presença, Lula é um dos cinco personagens mais recorrentes nos cordéis. E os folhetos que falam da vitória de Lula nas eleições de 2002 e 2006 mostram de forma clara a opinião dos poetas diante do fato que é a chegada de um nordestino, retirante, ex-líder sindical à Presidência da República.

Apesar de muito relatada a trajetória do nordestino que virou presidente nos cordéis, pouco ainda se discute na Academia, daí, a importância desta pesquisa. Coletamos doze folhetos sobre as eleições de Lula, sete sobre as eleições de 2002 e cinco sobre a campanha e as eleições de 2006. Consideramos a utilização de um número maior de folhetos sobre as eleições de 2002 pela quantidade de exemplares encontrados, o que acreditamos que se deva à expectativa de mudança que havia no momento, à esperança que se renovava com a chegada de um novo Presidente que já tinha sido três vezes derrotado nas urnas e que, finalmente, chegava ao poder, prometendo proteger os pobres e acabar com a fome e com a miséria no País.

É, então, que a vida de Lula é cantada, contada e comentada, diante de suas eleições e criada por poetas que fazem muito mais do que um simples e frio relato, mas se permitem entrar na história, mostrar o personagem por um olhar próprio, sem se perder do registro da memória de Lula e do Brasil em que ele viveu, do testemunho do momento de mudança que estaria por vir.

## Do sertão ao urbano: conceitos de crônicas e cordéis

### 1.1 Literatura de cordel: uma mescla entre tradição e modernidade

#### 1.1.1 Folheto: a voz impressa

A literatura de cordel é uma manifestação cultural que, embora sua matriz tenha sido trazida pelos colonizadores portugueses, mescla elementos das diversas tradições que passaram pelo Nordeste. Tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa uma poesia que tem base na voz, na oralidade, e se apresenta impressa em folhetos quando, de acordo com Abreu (1999), os poetas se apropriam dos recursos disponíveis, no caso, as tipografias.

Nesse formato, a poesia se movimenta com maior facilidade e é capaz de propagar ainda mais um caso. “Imagem, texto e som presentes no universo do cordel integram sua identidade.” (ABREU, 1999, p.23). Possui uma leveza tanto física, quanto de preço. Leveza que o permite atingir longas distâncias, mesmo que não tenha grande durabilidade de tempo. “Leves no tamanho, no peso, no preço, são feitos para estar no ar, para circular.” (BRASIL, 2005, p. 38). O formato físico dos folhetos apresenta, normalmente, capa de ofício e folhas internas de jornal podendo ainda ter capa de papel 40 kg e folhas internas de ofício, dobradas em tamanho 11x16cm, impressas em oficinas tipográficas com xilogravuras ilustrando as capas.

As xilogravuras são uma arte tradicional do Nordeste, com ilustrações feitas por figuras gravadas em madeira, uma “representação do mundo por meio dos sulcos escavados na madeira, entintados e pressionados contra a alvura da folha de papel.” (CARVALHO, 1999, p.260).

Como diz o poeta Antônio Carlos Barreto :

*A xilogravura é  
uma arte milenar  
Desenho em madeira  
Que serve pra embelezar  
ambientes, painéis  
E as capas dos cordéis  
da cultura popular*

A literatura de cordel segue padrões e obedece a modelos de composição, devido à sua origem na voz, à sua proximidade com a cantoria, com os repentes, e por

ser essa sua concepção inicial, só depois indo para o papel. As rimas seguem construções de versos em sextilhas e septilhas, que são usadas como recursos mnemônicos. Os poetas buscam não fugir desses padrões que facilitam a memorização a partir das repetições e dos padrões métricos. O folheto nordestino utiliza signos da cantoria para conservar as marcas da oralidade, “traz marcas do oral porque foi essa sua concepção original, sua raiz, motivação, porque foi matriz.” (CARVALHO, 1998, p.264).

O cantador repentista domina as modalidades do folheto porque são formas poéticas advindas da cantoria, como as sextilhas, setilhas e décimas, os quais ele faz de improviso, o que não ocorre como regra no caso do folheteiro. O cantador treina sua memória mentalmente para o duelo improvisado, para a disputa, enquanto que o poeta cordelista vai, gradativamente, na medida em que utiliza cada vez mais a escrita, perdendo a capacidade de memorização, embora, em muitos casos não o tenha perdido por completo (SANTOS, 2010, p. 03).

Para Martine Kunz (2001), os versos são um testemunho que apresentam a realidade em que vivem os poetas. Eles tornam-se porta-vozes daqueles a quem a linguagem escrita permanece inacessível. O leitor não é o agente passivo, receptor neutro de um produto final, mas é um elemento ativo de uma produção de sentido que não lhe é estranha. Ele exerce a função de co-autor, colaborador, pois autor e leitor estão juntos no processo de criação de uma cantoria.

Os folhetos possuem uma mobilização criadora de sentidos e significados. Perpetuam tradições. Possuem uma voz plural, pois trata-se de uma literatura do povo, uma produção coletiva, criada por inúmeros interlocutores, inúmeras vozes que juntas compõem uma obra. É a transmissão de saber e de conhecimento pela voz do poeta recebida e transmitida pelos ouvintes.

Aos verbos *cantar* e *contar*, utilizados para a produção da poesia, corresponde, do lado da comunidade receptora da mensagem, uma combinação fixa de dois verbos que se pode considerar um tópico: *ver e ouvir*. O público é visto como testemunha ocular e auricular da verdade transmitida e, por sua vez, ao re-contar (repetir, reproduzir) o que "viu e ouviu", divulgará a memória da comunidade, transformará o saber em tradição (LEMAIRE, 2007, p. 06).

A literatura de cordel divulga, porque advém também das cantorias, os versos compostos em pelejas, em repentis, enfim, transcreve a poesia oral. Ao ser divulgada, essa poesia atua na manutenção da tradição a partir da memória do povo que está registrada nela.

O novo meio, o tempo, o espírito do povo e a força inventiva do poeta são capazes de determinar versões locais, adaptações psicológicas e ambientais que fazem das narrativas nordestinas uma literatura popular com características específicas e um vigor criativo próprio indiscutíveis (TAVARES JR., p. 9-10).

Os cordelistas contam a história sofrida de sua realidade, mas no lugar da lamentação, a poesia conta histórias sertanejas com humor e cantoria. Os cordéis fazem parte das manifestações populares do Nordeste e representam o ponto de intersecção entre a poética da voz e o texto escrito. Dividem com o repente e com as cantorias a função de propagar a voz poética do povo nordestino. Leandro Gomes de Barros, paraibano, foi o primeiro poeta a imprimir seus versos, que publicara em Pernambuco:

*Nestes versos eu descrevo  
A força que o amor tem  
Que ninguém pode dizer  
Que não há de querer bem  
O amor é como a morte  
Que não separa ninguém.<sup>1</sup>*

Depois de morto, a viúva Venustiniana Eulália de Sousa vende os direitos autorais da obra para José Martins de Athayde, que se torna editor, e seu nome nas capas dos folhetos confunde-se com a autoria.

Os poetas registram a autoria dos folhetos em acrósticos nos versos finais, que formam seus nomes ou iniciais com as primeiras letras de cada verso. Outros preferem usar o próprio nome em um verso. Um exemplo de acróstico é visto no folheto “A Força do amor” de Leandro Gomes de Barros<sup>2</sup>:

*Levemos isso em análise  
Então vê-se aonde vai  
A soberba é abatida  
No abismo tudo cai,  
Deus é grande e tem poder  
Reduz ao pó qualquer ser  
O poder d’Ele não cai.*

Moisés Matias de Moura assina em um verso no folheto “A morte do Presidente Vargas”<sup>3</sup>:

<sup>1</sup> A força do amor – Leandro Gomes de Barros. Folheto disponível na página da Fundação Casa de Rui Barbosa – Coleção Digital. Acessado em 10/05/2011

<sup>2</sup> Folheto disponível na página da Fundação Casa de Rui Barbosa – Coleção Digital. Acessado em 10/05/2011

<sup>3</sup> Folheto disponível em Carvalho, 2011, p 225.



*Aqui assino meu nome  
 É a firma vencedora  
 E todos podem esperar  
 A segunda edição vindoura  
 Escritas na linha reta  
 Letras do mesmo poeta  
**Moisés Matias de Moura***

A origem da Literatura de cordel reside na poesia da voz e depende dela para existir. Baseia-se na oralidade e na proximidade que possui com as cantorias e repentes. Os versos são criados para serem ditos, declamados em voz alta. É a voz que será capaz de atrair ouvintes que, mais adiante, comprarão os folhetos e, a partir daí, lê-los. Sobre a cantoria de Patativa do Assaré, Carvalho (2009) afirma que a voz é a matriz poética por excelência e que a escrita é o resultado final de um processo de criação.

As apresentações orais, os poemas, as charadas, as disputas não existem apenas no Nordeste brasileiro, mas é nessa região que elas têm maior relevância cultural e se desenvolveram com mais força. O espaço oral marcante acabou por definir essa relevância. Os cantadores e poetas se apresentavam nos festejos nas casas-grandes e fazendas, além das feiras e festejos religiosos. O processo de contação de histórias orais inspira-se no costume medieval que encontrou um ambiente propício no Nordeste brasileiro. Essa prática atua na manutenção dos laços sociais entre os indivíduos que se juntavam pra ouvir uma boa história e se entreter. A performance realizada é capaz de gerar sociabilidade no instante em que existe para atrair ouvintes que se tornarão compradores dos folhetos.

Lemaire (2007) afirma que a Literatura de Cordel nasce na civilização da oralidade, onde os hábitos tradicionais de transmissão de conhecimentos é feita pela voz.

A noção de *performance*, base desses novos estudos, traz a convicção de que o texto linguístico (transcrito, impresso) é insuficiente para conhecer a poesia oral, produto de um evento artístico muito mais diversificado e rico, cujos componentes todos contribuem para a criação e o significado da mensagem poética. (LEMAIRE, 2007, p. 03)

O cordel trata-se de uma literatura fluída, passível de alterações. A matriz oral que as histórias possuem garante a identidade da obra, a qual sofre adaptações, servindo de atrativos para os ouvintes. “Mas o cordel permanece literatura oral na convivência com o folheto e ainda as práticas de cantoria e leitura coletiva tornam sua existência mais rica.” (BRASIL, 2005, p.27).

O público precisa ser seduzido pela palavra cantada, pela força que a oralidade possui ao interpretar sentimentos. A métrica, o ritmo, a voz, o corpo do poeta agem na performance, e isso envolve o ouvinte até convencê-lo a se tornar leitor. Os folhetos são uma transcrição da poesia oral e dela não se desprende.

A presença de um poeta na feira vendendo seus poemas no suporte do papel – em folheto - já implica uma diferença: marca a passagem da voz cantada, recitada, improvisada e performatizada no aqui e agora, para uma outra maneira de transmissão. Agora a voz pode (e deve) ser fixada, o que vem a implicar, também, outros tipos de performance e outros processos de “divisão do trabalho” poético (SANTOS, 2010, p. 05).

Deve ser levada em consideração nessa discussão, que apesar da proximidade entre poesia oral e sua impressão nos folhetos, elas trazem diferenças que vão além do mero formato de circulação. De acordo com Santos (2010), o folheto traz a memória do texto oral, mas quando vem impressa, apesar de manter as mesmas regras da composição da cantoria, a poesia se fecha.

Ele passa a ser uma história que tem começo, meio e fim. Já não é como na cantoria que pode se prolongar e passar semanas a fio tecendo sua existência. No folheto, o tempo da peleja está determinado, o tempo muda, implica em leitura, o que já se refere a uma outra problemática, que tem a ver com um receptor que pode estar em vários locais diferentes para essa leitura. São outros espaços sociais. O que é lido em silêncio não é composto naquele instante, *hic et nunc* (aqui e agora), como a cantoria; ele esta em uma outra temporalidade (SANTOS, 2010, p. 04).

Nas cantorias, com o texto baseado na oralidade, utilizando a voz, é que a obra se mantém viva, mutável, sensível às reações da audiência.

### 1.1.2 Resíduos do caminho

Historicamente, a presença do cordel no Nordeste Brasileiro tem raízes européias, apresentando também características híbridas de todas as culturas que, miscigenadas, compõem a cultura nacional. A literatura européia que deu origem aos folhetos nordestinos descende da tradição oral e encontra referentes em diversos países (*littérature de colportage* na França, *chapbooks* na Inglaterra, *pliegos sueltos* na Espanha e volantes em Portugal), de acordo com Diegues (1986).

Na América Espanhola, há registros de literaturas semelhantes ao folheto de cordel, oriundas dos *pliegos sueltos* que, no México, Argentina, Nicarágua e Peru, registram fatos circunstanciais e são chamados de *corridos*. As características européias

persistem nas narrativas registradas pelos romancistas, pelos registros dos fatos circunstanciais, que merecem receber mais atenção e serem conservados na memória e no imaginário popular.

Ao entrar em contato com as tradições nordestinas, o cordel ibérico sofreu alterações. A realidade brasileira transformou o folheto europeu, que nos foi apresentado em prosa, em poesia, de acordo com Abreu (1999). No Nordeste, os poetas utilizavam a poesia para fins mercadológicos, recitam a poesia nas feiras e vendem os folhetos que foram produzidos, impressos e ilustrados por eles mesmos. Outra diferença já mencionada que se desenvolve no cordel do Nordeste é a xilogravura, “processo que ganha as capas dos folhetos, disputa a preferência nas feiras e se inscreve para sempre no fundo das nossas retinas tão castigadas por essa excessiva claridade e por sua privação.” (CARVALHO, 1999, p. 267).

De acordo com Manuel Diegues (1986), as origens da literatura de cordel estão ligadas à divulgação de histórias tradicionais que foram conservadas e transmitidas pela memória popular. No Brasil, essa literatura continuou se espalhando, mesmo com o advento dos jornais, concorrendo apenas com os fenômenos do aparecimento do rádio e da televisão.

Para Saraiva, apud Abreu (1999), a popularização da imprensa diminuiu o terreno explorado pela literatura de cordel portuguesa, que emigrou para o Nordeste, onde encontrou condições de vida mais medievais, o que acabou dando sustentação ao folheto. Carvalho (1994) discorda quando afirma que foi a presença da imprensa no interior que favoreceu a prática da impressão da poesia popular, que se convencionou a chamar de cordel. E essa popularização não aconteceu nos centros urbanos como Aracati, mas, em Juazeiro do Norte, onde muitos fiéis nordestinos se encontravam nas romarias.

Na segunda metade do século XX, a impressão dos folhetos começa a diminuir e acusa-se a televisão de ter sido provocadora dessa diminuição. Mas os dois meios estão em sintonia, quando a programação televisiva começa a utilizar os temas dos cordéis, como já fazia o teatro. O cordel, por sua vez, também utiliza conteúdos televisivos como fonte de inspiração, sendo, portanto, uma via de mão dupla.

### 1.1.3 Diversos temas em uma só história

Os temas que aparecem na literatura de cordel são adaptados ao meio onde eles circulam, ao sentimento do grupo ao qual o intérprete faz parte e sobre assuntos que são considerados relevantes, independente de onde tenham acontecido. Tratam de temas como piadas (chistes), acontecimentos, biografias, mitos, romances, acontecidos fantásticos. Interpretam os acontecimentos, contam a vida de personagens ilustres, analisam as notícias, fazem crítica social, divulgam idéias... Representando a voz do sertanejo, o poeta do cordel se torna uma espécie de jornalista popular.

O que chega ao conhecimento do poeta e que ele considera importante, ele interpreta e transforma em poesia. Falam de temas como a morte de Getúlio Vargas e Tancredo Neves, enchentes, doenças, questões ambientais... Temas de relevância pública que o poeta interpreta e escreve, exercendo assim uma de suas diversas funções, que é a de informar.

*Em 21 de abril  
O dia de Tiradentes  
A Pátria caiu no pranto  
Porque as rádios dolentes  
Gemeram em notícias breves  
Faleceu Tancredo Neves  
O melhor dos presidentes<sup>4</sup>*

Os ciclos temáticos dos folhetos de repercussão social defendidos por Diegues, 1986, caracterizam-se por trazer uma expressão social e por conteúdos que repercutem dentre os leitores.

*Teus olhos demonstram a dor, a tristeza  
Miséria, pobreza  
E cruéis privações  
E enquanto essas dores tu vive penando  
Vão ricos roubando  
Milhões e milhões*

*Garoto eu desejo que em vez deste inferno  
Tu tenhas caderno  
Também professor  
Menino de rua de ti não me esqueço  
E aqui te ofereço  
Meu canto de dor<sup>5</sup>*

“Multifacetada, é sua diversidade que seduz.” (KUNZ, 2001, p. 61) Poetas fazem crítica social quando expressam opiniões ao relatar fatos, sejam eles reais ou

<sup>4</sup> “Adeus, Tancredo!” – Crispiniano Neto. 1985

<sup>5</sup> “Menino de Rua” – Patativa do Assaré In: **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004

imaginários. A crítica social presente nos cordéis é a forma de expressão da opinião dos cordelistas, que refletem as insatisfações do povo com alguns elementos de sua realidade. A exemplo: a imagem do nordestino, especialmente dos tipos sociais vistos com desprezo, como o flagelado, o retirante pau-de-arara, o fanático religioso, dentre outros. É ainda nos cordéis de crítica social que se retrata o inconformismo popular diante das desigualdades sociais. “Denuncia a realidade vivida porque denuncia a realidade sonhada” (KUNZ, 2001, p.62).

*Em conseqüência de uma seca horrível  
Para São Paulo o nordestino vai  
Leva no peito uma lembrança incrível  
Da boa terra onde morreu seu pai  
(...)  
E passa a vida sem gozar sossego  
Sem esquecer o se torrão natal,  
Com salário de um mesquinho emprego  
Sua família vai passando mal.<sup>6</sup>*

O cordel opõe à realidade um combate “dado no modo imaginário e cujas armas são a utopia, o mito, a lenda, o milagre...”. (KUNZ, 2001, p. 62) Para que haja esse combate é preciso que sejam explorados a memória e o imaginário coletivos. “Todos eles, santos e dragões, fazendeiros e cangaceiros, amantes e vaqueiros, boi encantado e pássaro de ferro, atravessam o sertão, cruzando fronteiras indecifráveis entre real e irreal.” (KUNZ, 2001, p. 63)

Os poetas transmitem as informações que lhe foram passadas pelos seus conhecidos ou de que foram testemunhas. As histórias vão de boca em boca, transformam-se em versos e, em seguida, são impressas em folhetos de cordel. Pela relação com o factual, com fatos a serem relatados, há uma certa pressa na impressão. “Mesmo não sendo tão volátil quanto a fala, o folheto é efêmero, se comparado ao livro.” (BRASIL, 2005, p.31), mas é permanente se comparado ao jornal, que perde validade no final de todos os dias.

O poeta conta sua própria história através das peripécias de seus personagens. É muito comum a existência de conflitos maniqueístas na literatura de cordel, ou seja, que apresentam uma luta do bem contra o mal. Por exemplo, nos cordéis estudados sobre o Presidente Lula, ele aparece como o bem que vai lutar contra males, como a corrupção, a pobreza e a miséria.

---

<sup>6</sup> “O nordestino em São Paulo” – Patativa do Assaré In: **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004

Nos folhetos encontramos a exaltação da virtude, da bravura e a valorização da honra. “A exaltação da bravura se faz nas narrativas de caráter épico do cordel”. (TAVARES JR., 1980, p.24) Há muita valorização da honra, da moral e dos bons costumes. Em contraposição a esse “bem” exaltado pela honra, pela bravura e pelas tradições existe o mal, derrotado pelo castigo do pecado e pela punição do vício. A atualidade do cordel e sua adaptabilidade decorrem da força do mito, que se torna “perene”, pois “o mito acompanha e acompanhará o homem, enquanto homem for.” (TAVARES JR., 1980, p. 56).

Os folhetos apresentam, também, raízes religiosas, crença no sagrado, no maravilhoso, fantástico, no sobrenatural, nas histórias míticas que satisfazem as necessidades religiosas, aspirações morais, pressões e imperativos de ordem social e exigências práticas. Têm conteúdos baseados no mito, na lenda, dentre tantos outros temas fantásticos e míticos que encontram sustentação no imaginário e nas crenças populares.

*Lula convida a Nação  
Para lutar ao seu lado  
Pois só assim o dragão [inflação]  
Poderá ser derrotado  
Nosso povo passa apuros  
Tomando dinheiro a juros  
Deve e não paga o finado<sup>7</sup>*

De forma geral, os folhetos são a transcrição de uma literatura oral que atua na manutenção da tradição de um povo, a partir dos temas que trabalha e da forma como o faz. As origens múltiplas possibilitaram a criação de um gênero democrático que não se faz em uma única via, mas, pela interação entre o poeta e seu público.

## **1.2 A Crônica: uma flor no asfalto**

A discussão sobre crônica nos permite enxergar um horizonte amplo, principalmente, por ser um gênero estudado como parte de diversas áreas do conhecimento. Por ser caracterizada por essa ambiguidade, os conceitos são, também, variados e, às vezes, conflitantes. Há os que querem situar a crônica em apenas um espaço, e outros que se referem aos elementos essenciais para definir um texto como

---

<sup>7</sup> “A briga de Lula com o Dragão da inflação” – Luis Alves da Silva In: Lula na Literatura de Cordel. NETO, 2009.

crônica. O que é comum a todos os autores é a aceitação da relação da crônica com o tempo, pela própria etimologia da palavra.

Ilka Laurito (1993), explica o mito de Cronos, filho de Urano e Gaia. Cronos (o tempo) devoraria todos os filhos nascidos da união com Réia, sua irmã. Ela consegue enganar Cronos e esconder o ultimo filho, Zeus, que o faz vomitar todos os filhos engolidos e vencem uma guerra contra o pai. O mito é uma metáfora sobre o tempo que engole tudo. Para Laurito (1993) e Sá (1999), no Brasil, o primeiro registro que se tem da crônica é a Carta de Pero Vaz de Caminha El Rei de Portugal, contando a experiência e o encantamento diante da terra descoberta.

Esse seria o primeiro registro da história do País, escrito como um relato de viagem, registro do presente, do ponto de vista do colonizador. Esse conceito de crônica como registro da memória, ferramenta que colabora para a permanência da história, continua existindo paralelamente ao conceito ambíguo de crônica como literatura e jornalismo. “Num sentido genérico, usa-se a palavra crônica para indicar, até hoje, o registro da feição de uma comunidade e de uma época, as memórias de um passado que quer se fixar.” (LAURITO, 1993, p.14). Ainda que o cronista não esteja preocupado em fazer História, ele acaba sempre exercendo função de historiador do cotidiano.

Já a origem apontada por Moisés (1997) e Meyer (1985) encontra-se nos folhetins que apareciam nas páginas dos jornais brasileiros no século XIX. Arrigucci (1985) afirma que é um gênero de Literatura ligado ao jornal e está próximo da conversa do dia a dia, como afirmou Machado de Assis em “História de 15 dias”, de 1º de novembro de 1877: “Mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia.” (ASSIS apud NEVES, 1985)

A ideia que Machado de Assis sugere com essa hipótese para a origem da crônica é de que o gênero literário se dedica ao cotidiano e faz isso de uma forma coloquial, como se fosse uma conversa de amigos próximos, afinal uma conversa sem formalismos exige um mínimo de intimidade entre os que conversam. O cronista consegue mostrar uma relação de proximidade e intimidade com o leitor, que aceita discutir os fatos do cotidiano como quem conversa nas cadeiras na calçada.

Compreendemos que a crônica é um gênero que cruza o Jornalismo, a Literatura e a História, agregando características delas. Massaud Moisés (1997) retoma a origem da palavra “crônica” que vem do grego – Chronikós – e do latim – Chronica.

No início da era Cristã, o termo designava uma lista de acontecimentos que seguiam a linha do tempo. Ela não teve sempre a mesma configuração. Inicialmente estava muito mais próxima da historiografia e limitava-se a registrar os eventos, sem oferecer-lhes nenhuma análise ou aprofundamento, mantendo-se também distante dos traços de literatura que apareceriam mais adiante.

Para Bender (1993), como a ambiguidade é a lei da crônica, sua essência literária é capaz de tornar o transitório – a notícia – definitivo – a literatura.

Se o exercício da crônica pode permitir ao prosador que seja também poeta, ao jornalista que seja filósofo ou místico, ao contador de casos que seja um historiador do cotidiano, um trágico que a ela se dedique, como Nelson Rodrigues, deixará sua marca também (BENDER, 1993, p. 53).

A crônica é um gênero literário específico e não um subgênero. Chegou ao Brasil e criou suas próprias especificidades enquanto adaptava-se ao meio que a recebeu – o jornal. Assim como o cordel, veio da Europa e foi adquirindo características locais que foram sendo mescladas com os elementos trazidos. Com o passar do tempo as duas expressões literárias adaptaram-se ao modo de vida e ao interesse de seus autores e receptores.

Moisés (1997) afirma que a crônica, como conhecemos hoje, surge no século XIX, quando começa a receber toques de literatura e a ter uma difusão muito maior, a partir da imprensa, que funciona como suporte para os textos. As crônicas entram para os jornais como um registro literário do dia a dia, funcionando como memória de um tempo. Para ele, a origem está nos folhetins que apareciam nos rodapés dos jornais no século XIX, inspirados nos *feuilletons* franceses. Já para Candido (1992), a crônica se estabelece no Brasil, na década de 1930, com seu tom familiar, descompromissado, como se deixasse de lado a seriedade dos problemas do cotidiano, utilizando-se apenas dos detalhes, “tirando significados do que parece insignificante.” (CANDIDO, 1992, p.22)

Ilka Laurito (1993) não desconsidera o folhetim na historiografia das crônicas. Para ela, os folhetins funcionavam como a crônica do século XIX, se utilizarmos o termo crônica para designar um texto jornalístico que aborda os mais diversos assuntos. Dos tipos de folhetim que circularam no século mencionado, desenvolveu-se na crônica o folhetim de variedades, que registrava e comentava a vida cotidiana da sociedade da época. Um tema comumente encontrado nos folhetins era o próprio fazer folhetinesco, o



que hoje chamamos de metadiscursos. Até hoje, encontramos cronistas que escrevem sobre a composição de suas crônicas, da dificuldade de ter um tema diariamente. O folhetim enfrentava a mesma dificuldade de classificação entre jornalismo e literatura que as crônicas encontram atualmente.

Laurito (1993) afirma que a crônica é um fenômeno literário brasileiro que possui uma comunicação íntima com o público. Menciona como temas principais dos folhetins, que evoluiriam para as crônicas, a vida mundana (bailes e festas), vida teatral e vida política. O bom cronista deveria estar inserido nesses três ciclos. Sobre o folhetim de Machado de Assis, Ilka Laurito (1993) afirma que ele funciona como registro de um período importante na vida do Império,

a transição da Monarquia para a República e, mais que tudo, são o exemplo representativo de como um gênero destinado a flagrar o cotidiano e morrer com este, pode encontrar, na visão de mundo e no estilo de um escritor maior, sua transcendência e perenidade. (...) Vai de uma coisa aqui para outra acolá, passa do particular para o geral, volta do abstrato ao concreto, desliza do atual para o clássico, galga do pequeno para o imaginário e do imaginário para o onírico, às vezes numa progressão geométrica e vertiginosa, outras vezes com um cômico aparato lógico, para rir-se da lógica, ou para mostrar que existe efetivamente uma esquisita lógica entre as coisas que o vulgar julga distantes e desconexas. (LAURITO, 1993, p. 32)

De acordo com Moisés (1997), a crônica atinge seu esplendor com João do Rio e alcança larga difusão e aceitação com Rubem Braga. Para Moisés, nesse momento a crônica adquire um formato que a configura como uma “expressão literária tipicamente brasileira”, que incorpora “prosa poemática, humor lírico, fantasia etc.” (MOISÉS, 1997, p.102)

Laurito aponta a crônica de João do Rio como exemplo de pré-modernismo. Para ela, o cronista que saiu da redação e foi para as ruas flagrar os variados aspectos da vida urbana foi capaz de registrar e denunciar os contrastes do Rio de Janeiro onde conviviam as belas paisagens e as mazelas sociais. Com a transição modernista, Laurito afirma que a crônica torna-se um instrumento de luta por sua linguagem despojada dos elementos das linguagens acadêmicas e formais. A crônica modernista está bem próxima da crítica, carregada das impressões pessoais do autor.

Já para Arrigucci (1985), a crônica é um fato moderno que acompanha as características da vida moderna em geral, e a principal característica é a fugacidade que se reproduz na vida urbana. Muitas vezes, o relato histórico e o ficcional se confundem nas crônicas, daí a existência da ambiguidade, pelo fato de ela trazer tanto o registro

histórico quanto elementos literários, como a ambiguidade, a leveza textual, em um mesmo texto.

Os conceitos de crônica nos permitem uma vasta discussão. Os conceitos variam com o posicionamento dos teóricos que situam a crônica como Literatura, Jornalismo ou História, mas, compreendendo a ligação que existe entre as três áreas, sendo difícil limitar o gênero e classificá-lo em apenas uma área.

Arrigucci (1985) considera que, assim como tudo que é simples, a crônica é difícil de ser definida, e por isso autores divergem sobre sua categorização entre Jornalismo e Literatura, como é o caso de José Marques de Melo que classifica a crônica como um gênero de Jornalismo Opinativo. A ambiguidade da crônica é mencionada por Arrigucci quando tenta definir a crônica de Rubem Braga. Ele afirma ainda que o cronista mescla elementos da tradição do narrador oral do interior e que os temas tratados se confundem pelo caráter circunstancial e literário que as duas formas de narração, a oral e a crônica, possuem.

Neves (1992) define as crônicas como textos breves e agradáveis que passam a ocupar a imprensa no espaço anteriormente cedido aos folhetins. Cronistas são narradores do cotidiano que fazem uma reflexão a partir do imaginário coletivo, possibilitando uma relação entre História e Memória Coletiva,

por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura necessariamente entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente casuais do cotidiano, que registra e reconstrói, como pela complexa trama de tensões e relações sociais que através dela é possível perceber. (NEVES, 1992, p.82)

Margarida de Sousa Neves (1992) afirma que as crônicas podem ser utilizadas como documentos na medida em que se constituem como discurso de um tempo social, apresentando elementos que tecem a novidade do tempo vivido. Seriam “monumentos” do tempo que registram as transformações sociais. Neves mostra que o objeto da crônica é o cotidiano, que é apresentado de acordo com o olhar que o cronista tem sobre os acontecimentos, obedecendo a lógica das subjetividades.

A relação entre o gênero crônica e o tempo é exposta no trabalho de Neves. A crônica, de acordo com Neves, faz uma narração dos fatos e de suas circunstâncias com um caráter de registro de memória a partir da subjetividade do narrador. “A crônica é sempre, de alguma maneira, o tempo feito texto.” (NEVES, 1992, p. 82). A crônica teria

como função dar destaque ao tempo vivido e narrado, utilizando o sentido comum como tema, formando um consenso entre os leitores.

Considerando a característica de registro da memória, Laurito (1993) oferece à palavra crônica dois significados: narração histórica ou de fatos comuns e texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, relativos à vida cotidiana. “Seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo”. (LAURITO, 1993, p.11). Para a autora, a função da crônica é manter a memória, que seria engolida pelo tempo, viva, salvando os fatos do esquecimento.

Laurito (1993) menciona Henrique Pongetti, que considera o cronista um “historiador menor de sua época”, por oferecer subsídios do passado para o futuro, passado que é, na realidade, o presente do cronista. O cordelista também registra seu presente e permite que em tempos futuros, seus escritos sirvam como ferramenta de reconhecimento do tempo e do espaço em que o poeta viveu. Eles registram a fugacidade do cotidiano que deixa de existir por se transformar a cada instante.

### **1.2.1 A flor do asfalto desabrocha no jornal: um gênero de jornalismo opinativo**

Considerando a presença marcante da opinião tanto nas crônicas, quanto nos folhetos de cordel que tratam das notícias que repercutem no cenário nacional, revisamos uma bibliografia que trata do jornalismo opinativo para diferenciarmos os planos da informação, que busca utopicamente a objetividade; de opinião, pautada primordialmente na subjetividade dos indivíduos.

O exercício do jornalismo é uma prática subjetiva, e, portanto, carregada dos sentimentos do autor, até mesmo quando ele se propõe a fazer textos informativos, por isso fala-se em objetividade utópica. O simples fato da escolha da abordagem em uma pauta já confirma isso. Melo (1985) recusa a idéia da objetividade e imparcialidade jornalística e não concorda que a mensagem jornalística seja necessariamente politizante. Para ele, a essência do jornalismo é a informação, o relato dos fatos, e a liberdade jornalística se reflete nos diferentes modos de apreender e relatar o real.

As notícias são produzidas a partir de pautas que definem o enfoque e a abordagem dada às notícias. Melo (1985) explica que é uma previsão do que será assunto no dia seguinte, é um roteiro que seleciona as informações a serem publicadas e

as tarefas destinadas a cada profissional. Indica os ângulos de relato dos acontecimentos.

De acordo com Melo (1985), a fisionomia do Jornalismo Brasileiro é entrecortada por diretrizes trazidas por portugueses e outros imigrantes, através de trocas culturais, tecnológicas e econômicas. Através da mescla de elementos dos vários cantos do mundo, estrutura-se o jornalismo no Brasil de modo criativo e seguindo feições diferenciadas, distanciando-se morfologicamente de todos os modelos que o inspiraram.

A opinião consiste na tomada de posição diante de um fato que exista socialmente. Eleições, plebiscitos, fatos que acontecem na sociedade dão margem a diversas interpretações, e as pessoas, a partir do conhecimento do que acontece, tomam uma posição, escolhem um lado, atribuem determinados valores e julgamentos. O jornalismo atua como um meio de transmissão dessas opiniões, quando apresenta-se uma notícia e a partir dela se opina. E isso não acontece apenas no jornalismo, mas também nos folhetos de cordel em que o poeta difunde sua opinião que, muitas vezes, reflete a opinião de seu grupo.

De acordo com Melo (1985), a opinião começa a aparecer no Jornalismo Brasileiro desde que começaram a circular jornais no país. Hipólito da Costa, no Correio Braziliense, opinava sobre a vida política do Brasil enquanto colônia portuguesa. A imprensa francesa também optava pelo jornalismo opinativo em sua essência. Já a inglesa e a norte-americana, ao tratar a notícia como mercadoria, preferiram manter apenas o cunho informativo de seus produtos.

O Jornalismo de opinião no Brasil se divide em vários gêneros como editorial, artigo, coluna, comentário, crônica, resenha, dentre outros. Pelas características que definem o gênero crônica, ele é o que mais se aproxima dos cordéis de acontecido. A crônica

assume o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens a partir da observação do próprio narrador, ou tomando como fonte de referência as informações coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares. (REGO et. AMPHILO In. MELO et. ASSIS, 2010, p. 105)

Luiz Beltrão (1980) apresenta as funções da atividade jornalística como um triângulo retângulo em que a informação é representada pelo ângulo reto. O ângulo superior seria o representante da orientação, ou seja, a interpretação e emissão de valores de uma notícia. O ângulo inferior representa o entretenimento.

O ângulo da opinião se forma a partir do prolongamento da perpendicular que se refere à informação, quanto maior a informação, maior a margem para a interpretação e permitindo que se tome uma posição diante dos fatos, constituindo a expressão da opinião. Para Beltrão (1980), a opinião “se trata da função psicológica, pela qual o ser humano, informado de ideias, fatos ou situações conflitantes, exprime a respeito de seu juízo”. (BELTRÃO, 1980, p.14).

A informação, afirma Beltrão (1980), é a percepção do real que os sentidos captam e registram. É a partir dela que se insere subjetividade e se opina. A opinião é a posição que se toma diante de uma informação. Ela parte da pluralidade de juízos acerca do objeto. Caso esse objeto consista em um tabu, ou seja, em um assunto consagrado pelas tradições, costumes e normas de conduta, o debate se torna mais difícil, as informações permanecem mais escondidas. Para Beltrão (1980), a manifestação de opinião é um ato individual dentro de um grupo.

Beneito apud Beltrão (1980) considera que o ato de opinar é por excelência uma função social de atribuição de juízo a um fato, uma tomada de posição diante de uma realidade objetiva e que, portanto, a opinião trata-se de juízo e sentimento. Para o exercício da profissão de jornalista, opinar é uma atribuição funcional. Através dessa atividade, muitas pessoas que acompanham os meios de comunicação de massa recebem essas opiniões junto com as informações e processam-nas.

A expressão da opinião é, para Melo (1985), um mecanismo de direcionamento que se solidifica através da seleção de incidências percebidas no organismo social, em que a direção ideológica flui de forma que o controle está marcado pela hierarquia imposta entre os donos do jornal e os jornalistas funcionários. Essa expressão depende da linha editorial, que se trata da seleção de informação como instrumento para expressar opinião. É o ponto de vista da empresa jornalística sobre o mundo. Representa o controle que a instituição exerce sobre o que vai sair em cada emissão.

Os jornalistas, e os poetas cordelistas também, fundamentam sua opinião nas práticas sociais que estabelecem. Baseiam-se na prática profissional, formação filosófica, condição social, econômica e intelectual e principalmente em seu contato com o público receptor.

A expressão da opinião por parte dos meios de comunicação, realizada às vezes pelo representante do veículo – editorial – ou pelos jornalistas nos diversos gêneros do jornalismo opinativo, tem uma função social. Os jornalistas acabam sendo porta-vozes

de um ou mais grupos que compartilham da linha editorial do jornal. Essa função social é semelhante à que exercem os cordéis, de posse de uma informação, atuam como porta-vozes de toda uma comunidade.

Nos jornais, a opinião do jornalista expressada em artigos, resenhas, colunas, comentários e crônicas constitui a profundidade da notícia. Mais que a informação, as categorias opinativas trazem a interpretação do fato. Apresentam o ponto de vista que interessa ao público leitor. Para escrever esse tipo de texto, é preciso, além de muita informação para que se forme uma opinião consolidada, uma boa inspiração. Beltrão (1980) considera cronistas e articulistas autênticos literatos que vão além da produção cotidiana apressada.

Beltrão (1980) explica que a crônica para o jornalismo “é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos”. (BELTRÃO, 1980, p. 66). Na crônica o comentário é leve, concreto e incisivo, oferecendo normas e julgamentos ligados diretamente à atualidade.

A crônica interpreta a realidade a partir de uma exposição das reações pessoais do cronista em face de um ou vários assuntos que estejam em pauta, experimentando reações mais humanas diante dos fatos. Os temas presentes nas crônicas são os mais variados. Elas podem ser, quanto à natureza do tema, gerais, que abordam temas variados sob uma epígrafe geral, crônicas locais tratam sobre o cotidiano das cidades e a vida urbana. Há ainda as crônicas especializadas que se referem a atividades específicas e que demandam informações mais aprofundadas. Quanto ao tratamento dado ao tema, a crônica pode ser analítica, em que predomina a dialética, sentimental em que predomina o apelo à sensibilidade do leitor a partir da exposição do sentimento do autor, e a crônica satírico-humorística que tem o objetivo de criticar, ironizando os fatos.

Uma crônica normalmente apresenta temas que circulam dentro de uma comunidade, informações sobre os fatos e situações, a própria notícia desse fato e as emoções pessoais do cronista. Este deve dominar o tema tratado, selecionar os dados e redigir o texto contendo uma introdução, argumentação e conclusão.

## O registro da memória cotidiana em versos: o relacionamento íntimo entre a crônica e o cordel

### 2.1 Informação e opinião em versos

*Aqui foi outro resgate  
Do poeta cordelista  
Que também é um repórter  
Igual a um jornalista  
Mas narrando diferente  
Do jornal e da revista. (Paulo de Tarso).*

Fincado na cultura popular, o cordel imprime o cotidiano. Feito para ser lido em voz alta, o cordel é interpretado. Assim, a poesia que relata aspectos da realidade (re)construindo-a, é também ressignificada quando a palavra do cordel vira cantoria, expressada pelo ritmo de um corpo inteiro a se manifestar.

Os cordelistas possuem liberdade para falar sobre o assunto que bem entenderem e da forma que quiserem, sem precisar passar pela censura organizacional das grandes empresas. O aspecto jornalístico desses cordéis é percebido ao se escolher como tema uma notícia factual, ou ainda um fato histórico; e sobre esses assuntos, os poetas tecem seus comentários. A escolha dos temas acontece – na maior parte das vezes – por conta de um agendamento em cima de uma notícia veiculada na mídia. Um fato que saiu na grande mídia e chamou atenção é reproduzido pelos cordelistas, que levam ao povo, além da descrição do fato, uma análise dele.

*No ultimo dia de maio  
Em um domingo marcante  
Partiu do Rio de Janeiro  
Um avião muito possante  
Que tinha como destino  
Um país nobre e granfino  
A França, terra distante*

*O vôo 447  
Decolou todo normal  
Mas no Oceano Atlântico  
Veio o desastre fatal  
O avião desapareceu  
Pois ninguém sobreviveu  
No vôo internacional<sup>8</sup>*

Temos, pois, cordéis factuais como os sobre: o sequestro da adolescente Eloá Pimentel, que comoveu o País em outubro de 2008; o ataque terrorista aos Estados

<sup>8</sup> “O vôo 447 da Air France terminou em tragédia” – Chico Salvino, 2009

Unidos em 11 de setembro de 2001; a eleição do Presidente Lula em 2002 e 2006. Mas temos também relatos dos feitos e as biografias de protagonistas nordestinos, como: Lampião, Padre Cícero e Patativa do Assaré. Para Carvalho (2002) é a dose certa entre o tradicional e o contemporâneo.

*A história que descrevo,  
De um menino carente,  
Nascido no Pernambuco,  
Estado de clima quente  
Que passou fome na vida  
Mas, que hoje é presidente!!!<sup>9</sup>*

Os versos dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de opiniões que traduzem a opinião do povo, mesmo que repleta das ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião. Mas, nos cordéis, a informação que surge tem estética diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular, muito mais do que um veículo prioritariamente noticioso.

De acordo com Manuel Diegues (1986), os cordéis mais abundantes são os de registros de fatos acontecidos. Os cordéis de acontecidos são aqueles que apresentam como ciclo temático principal fatos que mereceram atenção popular. São fatos que no Jornalismo obedecem a critérios de noticiabilidade<sup>10</sup> e possuem valores notícia que os tornam relevantes, a ponto de serem noticiados.

Tais fatos tornam-se recorrentes no cotidiano dos poetas, agendados<sup>11</sup> pela mídia, e eles o transformam em folhetos. Os cordéis transformam-se em veículos de informação, atuando junto com o jornal, a televisão e o rádio, começando a perder espaço com a chegada destes últimos.

---

<sup>9</sup> “A História do garoto que passou fome e chegou a ser presidente: Luiz Inácio Lula da Silva” – Zé Pessoa In: Lula na Literatura de Cordel. NETO, 2009.

<sup>10</sup> A aptidão potencial de um fato tornar-se notícia chama-se noticiabilidade. Trata-se de um conjunto de requisitos que se exige de um acontecimento para torná-lo notícia. É regrada por “valores-notícias” que são conjuntos de elementos e princípios, através dos quais os acontecimentos são avaliados pelos meios de comunicação de massa e são analisadas suas potencialidades de produzir resultados e novos eventos que se transformarão em novas notícias. HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. 2001.

<sup>11</sup> Trata-se da capacidade dos meios de comunicação de pautar os assuntos que irão circular na sociedade, além de influenciar as opiniões e as notícias que circulam também nos outros veículos. Estabelece uma relação entre a agenda da mídia e a dos receptores. HOHLFELDT. 2001.



Os temas do Nordeste que têm consequências sociais, econômicas e humanas, sempre foram recorrentes nos versos populares. Mas os poetas não deixam de lado temas de grande repercussão nacional. Servem como registro e interpretação de fatos e acontecimentos sociais. Manuel Diegues (1986) divide os folhetos de acontecidos em “manifestações de natureza física”, “fatos de repercussão social”, “cidade e vida urbana” e “elemento humano”.

As manifestações de natureza físicas são principalmente referente a secas e as enchentes. São temas freqüentes no imaginário do homem do sertão. Tais folhetos apresentam aspectos trágicos desses ocorridos. São esses fenômenos naturais que expulsam os sertanejos de suas terras e os levam a buscar uma vida melhor nas cidades. Exemplo de relatos como este, encontramos na “Triste Partida” de Patativa do Assaré.

*Setembro passou,  
com outubro e novembro  
Já tamo em dezembro.  
Meu Deus, que é de nós?  
Assim fala o pobre  
do seco Nordeste,  
Com medo da peste,  
Da fome feroz.*

*A treze do mês  
ele fez a experiência,  
Perdeu sua crença  
Nas pedra de sá.  
Mas nôta experiência  
com gosto se agarra,  
pensando na barra  
Do alegre Natá.<sup>12</sup>*

Os folhetos classificados como “fatos de repercussão social” são os que apresentam fatos de grande interesse público. Desastres, acidentes, crimes, tragédias, assuntos políticos, dentre outros. Percebemos que são utilizados os mesmos critérios de noticiabilidade definidos pelo *gatekeeper*<sup>13</sup> no processo de *newsmaking*<sup>14</sup>. É dada prioridade a fatos de relevância pública, novidades, notabilidade e tragédias. “Refletem tais fatos os acontecimentos do dia, o que desperta interesse através da acolhida que lhe

<sup>12</sup> “A triste partida” – Patativa do Assaré In: **Cordéis e outros poemas**. Fortaleza: UFC, 2006

<sup>13</sup> O Gatekeeper é o personagem dentro da redação, responsável pela escolha dos fatos que irão virar notícia, pela filtragem dos fatos a partir das normas editoriais do veículo de comunicação. Privilegia a ação pessoal, ou seja, o trabalho do jornalista como indivíduo instituído de opiniões e consciência. Refere-se àqueles que têm poder para decidir o que será notícia. Ele é o próprio jornalista. HOHLFELDT. 2001

<sup>14</sup> Diz respeito às rotinas de trabalho jornalístico na “escolha/elaboração” de assuntos que possuem noticiabilidade. Dá destaque à produção de informações ou à transformação dos fatos diários em notícia a ser publicada. *idem*

dão jornais e revistas, rádio e televisão, na difusão dos aspectos principais do ocorrido”. (DIEGUES JR., 1986, p. 98). É um registro do momento histórico vivido a partir da ótica do poeta, que insere subjetividade na escolha e na forma como relata os fatos.

Os assuntos políticos também são temas bastante explorados pela literatura popular em verso. Vitórias políticas como as de Getúlio Vargas e a do tema tratado neste trabalho, do Presidente Lula, aparecem narrando os fatos, mostrando, quase sempre, seu aspecto positivo. Os relatos fazem referência tanto ao personagem de destaque quanto à repercussão do fato.

*Suicidou-se Getúlio?  
Não, leitores, isto não!  
Mataram doutor Getúlio  
Com a arma da traição  
Venderam-lhe e ameaçaram-lhe  
Ferindo seu coração.<sup>15</sup>*

Os folhetos referentes à “Cidade e Vida Urbana” descrevem a vida nas cidades pela ótica dos poetas, os hábitos, os costumes, aspectos que traduzem a impressão do poeta sobre aquela realidade que, muitas vezes, não é a sua. Aparecem nos folhetos o relato das imagens mais marcantes da vida na cidade.

Outro tema que aparece com frequência nos ciclos temáticos de fatos acontecidos é o elemento humano. Refere-se a personagens que se destacaram, tornando-se populares na memória coletiva. É neste elemento que nos deteremos nesta pesquisa, sendo utilizada a imagem do presidente Lula. O personagem tem uma dimensão social vista pelos poetas populares, que fixam suas atitudes, registrando-as.

A literatura de cordel reflete a sensibilidade coletiva, “a repercussão de atos ou gestos, benéficos ou maus, traduzindo o como e também o porquê as populações o acolhem, e não raro os conservam.” (DIEGUES JR., 1986, p. 131). Os relatos representam valores e traduzem as manifestações dos sentimentos dessas sociedades.

Aparecem, portanto, figuras célebres como políticos, artistas, religiosos, cangaceiros, personagens míticos. Getúlio Vargas é a figura política que mais se aproxima de Lula na quantidade de folhetos biográficos. Ambos têm uma imagem política bem aceita pelos poetas populares que escrevem como forma de homenagear e descrever os processos eleitorais e de governo.

---

<sup>15</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. apud CURRAN, Mark. 2003.

Também muito recorrentes são os temas ligados ao fanatismo religioso e ao misticismo. As imagens de Padre Cícero, Frei Damião e Antônio Conselheiro representam a fé dos sertanejos e sua devoção. Em narrativas de sagas, de milagres, Padre Cícero é o personagem mais tratado nos folhetos de cordel.

A imagem dos cangaceiros também aparece. Principalmente Antônio Silvino e Lampião. A poesia popular registrou as passagens dos bandos de cangaceiros por diversas cidades do interior do Nordeste. De modo geral, os poetas se mostram simpáticos às causas dos cangaceiros, acreditando que eles eram vítimas das circunstâncias sociais, da injustiça. Até mesmo nos folhetos sobre Lampião, encontram-se justificativas para suas atitudes: a vingança pelas perseguições e mortes em sua família. Mas relata-se também o outro lado do banditismo, os crimes, a crueldade, as mortes, os abusos e tudo que mostra os cangaceiros como criminosos.

Os fatos acontecidos que aparecem nos folhetos foram, normalmente, conhecidos por outras mídias. Ficam registrados nos cordéis (CASCUDO apud CURRAN, 2003) os assuntos acima da norma cotidiana, que vão para o documentário poetizado no interior dos sertões do Nordeste. Os fatos que marcam as vidas dos sertanejos alimentam a literatura de cordel.

Citando Noblat, Curran (2003) concorda que a produção de cordéis de acontecidos se dá de forma muito parecida com a prática realizada nas redações de jornais: narram os principais acontecimentos, interpretam e opinam sobre eles. Contribuem para a formação da opinião pública. “O folheto de época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino.” (CURRAN, 2003, p. 25).

O cordel tem a função social de registrar os fatos e traduzi-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público ou, ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que envolvem figuras políticas importantes ou celebridades e, ainda, fatos marcantes para a história.

De acordo com Luyten (1992), os cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações.

O autor defende que, ao contrário do que muitos pregam, o cordel não está em vias de se acabar, pelo contrário, ele está mudando de público – agora, estudantes,

pesquisadores e turistas são quem costumam comprar os folhetos; e de localização geográfica – do sertão para as regiões urbanas. Porém, Roberto Benjamim, apud Luyten (1992) afirma que o cordel é mais forte que a cultura erudita no Brasil.

A literatura de cordel, quando trata de fatos circunstanciais, traz elementos interpretativos e opinativos relacionados à notícia trabalhada. Luyten (1992) concorda que as mensagens de cunho informativo trazidas pelos folhetos têm os mesmos valores-notícia dos veículos de massa, que são, normalmente, referentes a pessoas famosas e importantes, mortes, desastres naturais, enfim, assuntos que despertam o interesse público.

O cordel aproxima-se do jornalismo quando seu texto possui elementos como atualidade e a difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público. Fogem dos elementos periodicidade – a produção não se propõe a manter uma continuidade, nem de seguir os mesmos padrões das outras mídias que têm necessidade do “furo jornalístico” – e universalidade, pois sua linguagem se dirige a um público específico.

A regularidade na literatura de cordel e, principalmente, nos folhetos de acontecidos é um grande entrave. Nunca se sabe se haverá edições futuras. Mas Luyten (1992) sustenta a hipótese de que o poeta age como um líder de opinião<sup>16</sup>, baseando-se nos conceitos trabalhados por Paul Lazarsfeld. O cordelista seria responsável por “traduzir” uma determinada informação e difundir a opinião que será atribuída como coletiva. Ele interpreta os fatos do qual tomou conhecimento e transmite sua opinião.

Os cordelistas, mais que contar um fato, comentam-no. Opinam, julgam, sentem o fato e os seus impactos. Ele não olha para o fato de fora, não pretende seguir a famigerada objetividade e imparcialidade jornalística. Ele se envolve. “O que mais importa é o comentário que o poeta faz diante do ocorrido.” (LUYTEN, 1992, p. 62).

Quando encontramos folhetos noticiosos, muito mais que informação, vemos a opinião do poeta ali retratada, apresentada e justificada pelos fatos. E o público leitor desses cordéis aceita a opinião, pois, muito comumente, compartilha dessas opiniões. O poeta dificilmente vai de encontro à ordem já estabelecida em sua comunidade. Os

---

<sup>16</sup> A teoria do fluxo de comunicação a dois níveis, de Paul Lazarsfeld (two-step flow of communication) apresenta a mediação que os líderes exercem entre os meios de comunicação e os outros indivíduos do grupo. O líder seria responsável por absorver as informações oferecidas pela mídia e levá-las a seus pares, dentro da comunidade onde circula. Ele faz o papel de formador de opinião. (WOLF, 1995).

leitores confiam na informação interpretada pelo cordelista, e ele se torna uma referência.

Os folhetos de acontecidos servem também como registro de uma memória, pois relatam fatos de relevância pública. Curran (2003) afirma que a função que o cordel possui de informar continua sendo cumprida, além de ensinar e divertir o público. Expressa a opinião do meio onde ele circula. Considera ainda que “o cordel é o documento popular mais completo da história do Nordeste brasileiro.” (CURRAN, 2003, p. 20).

De acordo com Curran (2003) a literatura de cordel, quando faz o registro dos momentos históricos, assume características de crônica poética. Para ele, o cordel é, antes de mais nada, poesia popular, e, portanto, reporta eventos opinando sobre eles e levando para os consumidores locais as mensagens dos veículos de massa recodificadas.

## **2.2 Características do gênero colibri**

Estudiosos da crônica que tentam classificá-la sem levar em conta as características que o permitem dialogar com diversas áreas acabam falhando por estabelecer um limite que não existe. A liberdade de transitar por diversos meios e ser utilizada para cumprir diversas funções sociais é a característica fundamental para compreendermos a crônica. Essa ambiguidade é a palavra mais adequada para caracterizar uma crônica. É a partir daí que surgem os principais conflitos que tentam localizar a crônica no Jornalismo ou na Literatura. Trata-se de um gênero literário que habita o jornal. De tão bem adaptada ao meio, adquiriu alguns de seus elementos, guardando ainda as características específicas que a configuram como representante da literatura em um espaço marcado pela presença de fatos, notícias, cotidiano, com uma linguagem que prima pela objetividade, pela ausência de ruídos, pela comunicação direta.

Ela ocupa espaço no jornal, mas não apresenta as mesmas características das notícias e artigos opinativos ali encontrados. Assim como os textos puramente jornalísticos, a crônica utiliza o cotidiano como matéria prima, mas o que a difere é a forma de tratar esse cotidiano, a linguagem utilizada e a forma como o percebe e transmite. A crônica, de acordo com Moisés (1967, p. 104), tem o objetivo de transcender o real, de ir além da informação.

[...] A crônica move-se entre ser *no* e *para* o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou na revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse, via de regra, minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imante de fantasia (MOISÉS, 1967, p.104).

Luiz Roncari (1985, p. 43) faz considerações sobre a crônica literária, relacionando o texto literário à sua forma de circulação. Para ele, o estudo da crônica literária não envolve apenas um gênero, mas a produção literária em jornais e revistas. Roncari afirma que a crônica, enquanto vista como ambígua e voltada para interlocutores definidos, atua na formação da opinião.

Muitos textos que hoje vemos exclusivamente como obras literárias, combinaram no momento de sua concepção e circulação primeira, de modos diferentes, a intenção literária com outros fins, moralistas, publicísticos ou mercantis, tendo de se acomodar aos meios e refrataram as intenções literárias através de uma primeira camada e mais visível do texto (RONCARI, 1985, p.43).

Roncari (1985) também aponta a confusão que se faz do texto da crônica, seu estilo e sua linguagem com os meios por onde o gênero circula. O público é quem acaba definindo a categoria em que determinada obra se encontra, pois, tanto no cordel como na crônica, ou em qualquer outro tipo de manifestação artística, a ausência da recepção anularia o valor da obra.

Nas crônicas, percebe-se liberdade do cronista na escolha de seus temas. E aqui não falamos em liberdade editorial, mas de linguagem, em que o cronista não está preso a nenhum formalismo literário, tampouco, aos manuais de redação que exigem uma pirâmide invertida na ordem dos fatos apresentados de acordo com sua importância.

A notícia é capaz de envelhecer e, para isso, não precisa de muito tempo. Um dia é suficiente. A literatura consegue permanecer, e é essa permanência da literatura misturada à efemeridade das notícias de jornal que definem o tempo de vida de uma crônica quando estas utilizam apenas o espaço do jornal. Depois de um tempo, algumas crônicas vão compor livros de antologias dos cronistas, e aí, sim, fora de seu habitat natural, as crônicas encontram um tempo de vida maior, talvez não com a mesma “qualidade” de vida.

Além da ambiguidade, outra característica importante da crônica é a presença da subjetividade para relatar os fatos do cotidiano. É a inserção do “eu” na composição dos textos, junto com as interpretações do cronista a cada fato apresentado. No momento em que o cronista ou o poeta se dedica a recriar o cotidiano em suas obras, eles o fazem de forma subjetiva, pois tanto o cordel como a crônica são manifestações artísticas literárias e, portanto, sua linguagem permite uma grande diversidade de interpretações.

Como características textuais da crônica, Massaud Moisés (1997) aponta a brevidade, o tamanho curto do texto, mas a característica mais relevante é a subjetividade empregada ao tema. É a visão e a emoção do autor que o leitor busca encontrar na crônica. A linguagem é direta, espontânea e de apreensão imediata. Explora a polissemia das metáforas e liga seu lirismo à realidade dos fatos. O estilo do cronista é o instrumento que ele utiliza para apresentar o mundo. Situa-se entre o coloquial e o literário, está marcado pela oralidade e transcende ao mero acontecimento.

Para Moisés (1997), o cronista pretende-se poeta, ficcionista do cotidiano, explorando exatamente o que o acontecimento oferece de fantasioso, de mágico. Prende-se ao detalhe e faz dele um elemento importante. Atribui à realidade elementos que a tornam literária, poética. Por isso, Moisés (1997) afirma que a crônica oscila entre a reportagem e a literatura, e o que permite essa oscilação é a carga de subjetividade muito maior, presente na crônica. Para o autor, na reportagem, o relato do cotidiano é feito de forma impessoal, fria e descolorida.

A crônica é dotada de uma versatilidade capaz de aproximá-la de diversos outros gêneros. A que prima pela ênfase no acontecimento, muitas vezes, aproxima-se do conto e faz do autor um historiador dos fatos miúdos. O “eu” se encolhe, dando espaço ao acontecimento, mas precisa manter-se de alguma forma próxima da subjetividade do cronista para não deixar de ser literatura e virar uma reportagem comum. Afinal, a forma como o autor insere seu “eu” no texto, sua forma de ver o mundo é que permite a composição de uma crônica puramente dita. É da subjetividade que se faz a crônica. O lugar ideal da crônica está no equilíbrio entre lirismo e acontecimento, podendo ser conceituada como poetização do cotidiano.

Bender (1993) concorda que o fato analisado pelo cronista não fica restrito ao mundo real, que vê as entrelinhas da realidade e faz as analogias que o interessam.

“Ajuda a agüentar com certa fantasia a vida e a realidade” (Bender, 1993, p. 44). O cronista proporciona à realidade uma beleza que ela não reconhece de imediato.

Todos os assuntos do cotidiano podem virar temas de crônicas e de cordéis. Nos folhetos, assim como nas crônicas, temas referentes ao dia-a-dia da sociedade são comentados pelos artistas. As transformações sociais são apresentadas e avaliadas nas duas formas de expressão literária. Essas avaliações são feitas a partir da vivência de cada um, da forma como eles interpretam o mundo.

Laurito (1993) chama o cronista de escritor-jornalista ou jornalista-escritor, que prende e solta diariamente sua inspiração criadora. Todos os temas de interesse e relevância social são contemplados em algum espaço no jornal. Fica para a crônica, o tema das coisas cotidianas. O cronista é livre para ir além dos fatos de relevância, ele pode se ater aos detalhes das situações, das circunstâncias, do dia-a-dia.

Embora a palavra crônica, atualmente, possa ser utilizada no âmbito jornalístico, de maneira abrangente (crônica social, esportiva, política, etc), o que vai interessar ao nosso estudo será a crônica de autor, a crônica como forma de arte e considerada um gênero próprio – ou seja, a crônica literária. Essa teve origem nos folhetins do século XIX e, aos poucos, se foi definindo, redefinindo e limitando. (...) A crônica moderna é mais curta, mais sucinta, mais econômica de espaço. O folhetim borboleteava em torno de vários assuntos: a crônica, em geral, limita-se a comentar um só – que pode ser, inclusive, a própria falta de assunto (LAURITO, 1993, p. 23).

### **2.3 A flor do asfalto desabrocha nos folhetos de cordel**

Neste trabalho, tratamos da ambiguidade da crônica, sem o objetivo de fixá-la em nenhum dos campos, resguardando as características mais marcantes que são a possibilidade de localizá-la em qualquer espaço e a flexibilidade que permite que ela se molde a todos os meios que a abriguem. Trabalhamos, então, suas características presentes na Literatura de Cordel, uma manifestação artística de temáticas tão vastas, que pode, sim, funcionar como um suporte que veicula textos com características de crônica. A matéria-prima de ambos é a própria vida, são os elementos cotidianos, sem restrição de assuntos.

A crônica é situada por Arrigucci (1985) e Antonio Candido (1992) “ao rés-do-chão” por sua linguagem simples e por tratar de assuntos considerados pequenos, os detalhes que compõem a vida cotidiana, atribuindo a eles um valor poético:



A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre os amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia. É exatamente essa a situação preferida das crônicas de Rubem Braga (ARRIGUCCI, 1985, p.45).

Essa proximidade do chão em que os autores colocam a crônica, devido sua estreita ligação com o cotidiano, com as coisas simples e com os detalhes dos acontecimentos é outra semelhança entre os dois gêneros literários. O cordel é capaz de apropriar-se de grandes eventos e aproximá-los do seu público, visto que sua linguagem consegue trazer esses tais fatos para a realidade cotidiana. Como em uma conversa, crônica e cordel exploram o que um fato tem de mais próximo com quem irá recebê-los.

De acordo com Arrigucci (1985), com isso, o cronista se torna um narrador da História. Mark Curran (2001) defende que o cordelista exerce o papel de cronista popular, que faz as crônicas em forma de poesia. Então, seria o poeta um narrador popular da História, contando-a a partir das marcas que as transformações do tempo deixam nos meios por onde circulam crônica e cordel.

Para Arrigucci (1985), a crônica retira do tempo a sua matéria prima e faz dele um registro a partir de uma memória escrita. A crônica constitui um relato da memória, dos fatos históricos, de como se constitui o cotidiano diante de um determinado acontecimento, registra os costumes, os hábitos, e atua como testemunho de quem vive um determinado momento histórico. Nos cordéis, também é possível encontrar este tipo de relato quando a realidade vivida pelos poetas é impressa nas páginas dos folhetos, quando a poesia traz a crítica social, na perspectiva de historiadores, ou mesmo quando conta um caso circunstancial, uma notícia sob a ótica dos cordelistas.

Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio onde representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo (ARRIGUCCI, 1985, p. 43).

O texto da crônica está intimamente ligado ao contexto histórico de quando é escrito, assim como os folhetos de cordel que deixam nas entrelinhas os aspectos vividos na época em que são criados. Inseridos em uma sociedade que se transforma o tempo todo, cada palavra vem carregada de sentidos e de referências temporais que se encontram na realidade, que é a base de toda manifestação artística. A crônica e o cordel apresentam a sua realidade, os espaços onde estão inseridos, o ambiente sociocultural,

político e econômico que os circunda. A crônica está para o relato da cidade, assim como o cordel está para a realidade do sertão, e hoje nem se limita mais às fronteiras das cidades do interior. Toda obra literária está inserida em um contexto e acaba refletindo-o. Normalmente, tanto o tempo da crônica quanto dos cordéis mesclam tempos psicológicos e cronológicos, dependendo da narração. A memória é um elemento fundamental para a composição dos dois tipos de obras. O correr do tempo que se apresenta tanto no cordel como na crônica é visto com o espelho da alma.

O cronista retrata o tempo presente, que é o tempo da crônica.

A máscara do narrador da crônica parece essa figura composta: numa primeira visão, a feição de alguém que vê, extremamente atento ao tempo, fazendo da crônica uma membrana sensível capaz de captar a moda, os costumes, a mudança, novas expressões e termos, a novidade e as marcas do tempo que não são notícia; e numa segunda visão, o rosto de alguém que julga, que procura além das camadas superficiais do tempo o velho conhecido. Comentando o novo, confrontando o velho e projetando o futuro, o cronista cria a perspectiva para construir a imagem do presente, metonímica, revelada nos pequenos fatos banais da rua e da vida (RONCARI, 1985, p.14).

A crônica e o cordel exigem um ar de subjetividade, que vai de encontro à linguagem convencionada como padrão do Jornalismo. A crônica permite a dúvida entre o que é real e o que é ficção. É o encanto, o intervalo de deleite e prazer no momento da leitura das notícias diárias. Cordéis e crônicas levam o leitor além, ao espaço mais profundo de uma notícia. Abrem os olhos do leitor àquilo que está diante da vista de todos, mas que apenas os mais atentos, aqueles que têm alma de poeta, conseguem ver e transformar em signos.

A subjetividade também está presente nos relatos que aparecem nos cordéis, afinal, assim como as crônicas apresentam o dia-a-dia das cidades utilizando o elemento pequeno, “miúdo” e mostrando a importância, a singularidade e a beleza dele, os cordéis também dão destaque ao que faz parte do cotidiano do seu público.

Então a crônica se apropria de um determinado espaço para ser difundida e Moisés coloca a possibilidade dela utilizar qualquer meio de comunicação impresso: jornal, revista, até mesmo folhetos volantes. E por que não dizer que ela se apropria dos cordéis? Não em sua forma clássica, obviamente, mas mesclando as suas características, as que se aproximam e as que se afastam. As crônicas são camaleônicas, adaptáveis. Moldam-se ao espaço que as aceita. Um gênero que habita entre a literatura e o jornalismo, dando à notícia, marcada por seu caráter efêmero, um tom literário que lhe

permitirá a permanência, a perenidade na memória, e também no coração dos leitores, a partir da identificação que um texto literário proporciona, por transformar um discurso comum em uma linguagem universal.

Informar não é o objetivo principal da crônica nem do cordel, mas ambos acabam cumprindo, também, essa função, ainda que de forma sutil. A informação é encontrada nos outros espaços – jornais, revistas, rádio, telejornais – que se propõem a isso. A crônica existe para perceber os detalhes, para comentar o instante da notícia que se faz real na vida do autor. O cordel transporta a notícia do jornal para a realidade do meio onde circula. Estão ligados à subjetividade, ao sentido que o cronista e o poeta dão a um determinado fato, ao julgamento que eles fazem e ao que eles conseguem captar das situações.

Crônicas e cordéis conseguem cumprir diversas funções: transmitir informação, entreter, alertar, despertar para circunstâncias que passariam despercebidas aos olhos menos atentos. Os cordéis não têm o mesmo objetivo dos jornais, mas muitas vezes eles acabam assumindo a função de difundir notícias, valores, opiniões. São os cordéis de circunstância, mencionados e explicados no capítulo anterior. Sua função primeira não é exatamente informar, principalmente em tempos atuais, em que a televisão já está amplamente difundida por todos os lugares do Brasil. Mas ao serem utilizados como suporte para a expressão da opinião dos poetas, eles acabam exercendo uma função social parecida com a do jornal, não sendo, portanto, capaz de substituí-lo.

O cronista, bem como o poeta, consegue ver além da realidade que está exposta. Ele vai além tanto na profundidade do assunto quanto no tempo de duração que um texto de jornal pode ter, considerando o tempo de uma notícia, que morre a cada dia. A crônica e a poesia, por serem manifestações literárias, conseguem sobreviver e permanecer. É o caso das crônicas dos já citados Rubem Braga e João do Rio. É o caso dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, da poesia de Patativa do Assaré.

Tanto a crônica quanto o cordel, como duas expressões artísticas, apoiam-se na realidade do cotidiano para serem compostas. A mimese está presente nas duas manifestações literárias, indo além da simples imitação/representação, mas constituindo-se de uma forte subjetividade, em que percebemos claramente a presença do cronista e do cordelista em suas obras. Crônicas e cordéis são capazes de oferecer aos fatos do cotidiano um tom poético e, portanto, conseguem permanecer por mais tempo que uma notícia ficaria. O tempo da notícia é o tempo do jornal, que as pessoas

se desfazem no fim do dia. Crônica e cordel conseguem unir a efemeridade da notícia à perenidade da literatura.

Assim como a crônica, cordel é capaz de realizar uma mimese da vida real, do cotidiano, adicionando mais um elemento: o imaginário. Como Literatura, o cordel também representa o real, além da imaginação, do mágico, do fantástico. Histórias míticas que se fundem com as histórias do cotidiano dos poetas. Fatos de repercussão social acrescidos de poesia e de outros elementos literários, como a manifestação das emoções através dos versos, permitem que aproximemos os folhetos de cordel das crônicas de jornal.

Aqui também irrompe o símile com o poema; desta vez, no entanto, com o poema circunstancial: do mesmo passo que a denominada poesia de circunstancia somente atinge altos graus líricos quando sucede coincidência entre o motivo ocasional e a intuição do poeta, assim a crônica apenas resulta em peça duradoura quando se estabeleceu a fortuita afinidade entre o acontecimento e o mundo íntimo do escritor (MOISÉS, 1967, p. 107).

Desta forma, Moisés (1967) mostra uma proximidade entre a perenidade da crônica e dos poemas de circunstância. É preciso que haja um equilíbrio entre acontecido e inspiração do artista para que uma obra consiga ir além dos limites impostos pelos seus veículos. A crônica literária oscila entre a poesia e o conto. Enquanto poesia, a crônica explora o “eu”, elementos interiores e subjetivos. Para não ser confundido com o poema, enfatiza os acontecimentos. É também chamada de prosa poética, está fadada a durar mais que o puro e simples acontecimento.

A linguagem da crônica vem em tom coloquial, de conversa, de proximidade entre cronista e leitor. Está entre a grandiosidade de fatos históricos e a rapidez com que um fato do cotidiano deixa de ser novidade. É volátil, mas, ao mesmo tempo, capaz de permanecer atuando como registro da memória de um tempo, a memória do cotidiano. Um texto de jornal que nos apresenta um fato é jogado fora ao final do dia, momento em que a notícia perde o caráter de novidade. Quando o fato vem apresentado com uma linguagem literária, seja em crônica, seja em cordel, o texto causa um impacto maior, gera no leitor o interesse de guardar aquele texto. Uma crônica pode ser recortada do jornal e guardada. Nas feiras, um caso que interesse ao ouvinte que escuta uma cantoria faz com que ele compre o folheto e que o mantenha como registro.

Na escrita da crônica, uma característica importante é a busca pela aproximação com o modo de fala cotidiano. A linguagem que aparece nos folhetos de

cordel imita a fala do poeta, até por sua métrica e sua rima. Imita a fala cantada do nordestino.

Assim como a crônica, ele precisa também estar próximo ao seu público, ser facilmente compreendido, acessível e incorporado. São duas práticas que se aproximam, também, pela relação entre artista e público. Talvez por isso, por essa proximidade, Candido (1992) considera que a crônica e, portanto, também o cordel, comunique muito mais do que um estudo científico aprofundado sobre o dia-a-dia humano. É o que Margarida Neves (1992, p. 22) chama de cumplicidade entre autor e leitor.

Parece às vezes que escrever crônica obriga a uma certa comunhão, produz um ar de família que aproxima os autores acima da sua singularidade e das suas diferenças. É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma linguagem geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo (NEVES, 1992, p. 22).

Entramos numa discussão que não deve se estender por não ser esta a proposta deste trabalho, mas que se refere à audiência e à recepção das obras artísticas. O cordel, por exemplo, é uma obra de criação coletiva, em que poeta e leitor estão juntos para validar os versos. É no momento em que os versos são recitados e que alguém os escuta e manifesta alguma alteração emocional por tê-los recebido que se cumpre a primeira parte de um ciclo comunicativo da poesia popular. Em seguida, ela será memorizada e transmitida. Com relação às crônicas, são escritas para o público leitor de um determinado jornal ou revista. As crônicas do Diogo Mainardi sobre Lula na revista *Veja*, por exemplo, não fariam sentido se fossem veiculadas na revista *Carta Capital*, pois o público das duas revistas diverge bastante. O público do cronista coincide com o público do veículo que a carrega, e, para que ela faça sentido, é preciso que este público esteja de acordo, ideologicamente, com o que ela tem a dizer.

Cordéis e crônicas tratam de uma infinidade de temas. Um assunto em comum que é tratado nos dois gêneros é o cotidiano. Dia-a-dia da cidade, do sertão, do país e a forma como os acontecimentos atingem as vidas das pessoas coincidem nas duas manifestações literárias. Por oferecer perenidade aos fatos do cotidiano é que tanto a crônica como os cordéis atuam como agentes da memória. Um fato que estava fadado ao esquecimento encontra na linguagem literária, oferecida pela crônica, e na poesia dos cordéis, a possibilidade de manter-se registrado e vivo na memória.

O espaço da crônica é, prioritariamente, o urbano. Do cordel é o sertão, o urbano, o estrangeiro, o céu, o inferno e onde o imaginário for capaz de levá-lo. Cordéis de vida urbana são verdadeiras crônicas de cidades, por exemplo, quando Leandro Gomes de Barros apresenta a cidade do Recife depois de sair do interior<sup>17</sup>. Ele olha para o espaço novo com todos os resíduos que adquiriu no lugar de onde saiu.

Cordel e crônica são dois gêneros que, se olharmos apenas de relance, sem nos atermos aos detalhes, não perceberemos as semelhanças, considerando as formas completamente distintas. Para notarmos as características que os aproximam, precisamos pensar nas suas essências, no que os dois gêneros trazem além das formas em prosa e em poesia, além dos veículos que os transportam. Devemos pensar na leveza dos textos, no pedaço do autor que encontramos em cada linha e em cada verso. Devemos vê-los a partir da versatilidade e do comprometimento com o cotidiano, com a realidade e com o imaginário que colocam autor, texto e receptor tão próximos uns dos outros.

Muitos folhetos de acontecido são caracterizados por esses elementos apontados como próximos da crônica e do cordel, como por exemplo, os folhetos de Moisés Matias de Moura, pesquisados por Carvalho (2011) sobre a cidade de Fortaleza. “Ele insistia em deixar sua marca e, com erros de grafia e rimas forçadas, fez uma crônica deliciosa de uma Fortaleza que não era muito melhor que a de hoje.” (CARVALHO, 2011, p.15) Os folhetos também envelhecem, mas, diante da subjetividade, do olhar do poeta que está inserido nos versos, ele adquire uma vida útil muito maior. Afinal, está ali a memória de um tempo, e não apenas o registro formal.

Para refletir melhor sobre o tema, entramos agora no estudo de caso, que nos permite avaliar os versos em que as características de crônica estão mais visíveis e como elas se configuram diante da poética da voz.

---

<sup>17</sup> BARROS, Leandro Gomes de. **O Recife. Paródia**. 04 de novembro de 1908

# A crônica das eleições de Lula na Literatura de Cordel

## 3.1 A trajetória de Lula: do agreste nordestino ao Palácio do Planalto

“Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”. Art. 5º, parágrafo único da Constituição Federal de 1988.

A imagem de Lula começa a ser difundida nos veículos audiovisuais na década de 1970, a partir da atuação no cenário sindical e político nacional e com as campanhas políticas, reafirmando o posicionamento contra a ditadura militar. A figura política de Lula foi difundida também nas cinco eleições presidenciais das quais participou.

Lula torna-se um personagem importante do cenário político, quando, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, lidera a greve do ano de 1978. Na década de 1980, é candidato ao governo do Estado de São Paulo e, em 1986, eleito deputado constituinte. Em 1989 candidata-se pela primeira vez à Presidência da República, conseguindo ser eleito apenas em 2002.

Lula passou a ser astro de primeira grandeza no espetáculo político-midiático, o que pode ser verificado pelo destaque dado por todos os segmentos da indústria do entretenimento – cinema, jornalismo impresso e eletrônico e editorial – ao operário-presidente (SILVA, 2005, p.04).

Além de “celebridade”, Lula torna-se também objeto de estudo nas Ciências Sociais Aplicadas. A trajetória dele é considerada um fenômeno, afinal, um retirante nordestino que passara fome no sertão pernambucano chega ao posto máximo da República: o cargo de presidente. As obras contam a história sofrida e o caminho de luta que Lula teve de enfrentar para chegar à Presidência, vencendo os obstáculos impostos pela sociedade e pela economia.

A trajetória biográfica e política interessa aos estudos acadêmicos e ao imaginário popular: Lula vira personagem de muitos folhetos de cordel. O Presidente Lula é apresentado na maioria dos cordéis como um herói. É um personagem que reúne várias características que permeiam o imaginário dos nordestinos. O Nordeste, além do lugar onde reside a maioria dos eleitores de Lula, é o lugar de onde sai a maioria dos cordéis que circulam pelo país.

Ele é um herói por ter conseguido vencer as adversidades de ser um nordestino retirante em São Paulo, um sindicalista que virou Presidente da República. Por isso, os próprios cordelistas o consideram um personagem mitológico, comparando-o com outros personagens muito citados em folhetos de cordel, como Padre Cícero, Lampião, Getúlio Vargas e Frei Damião.

### 3.2 Luís Inácio: seria apenas mais um nordestino retirante em São Paulo

*A história que descrevo  
De um menino carente  
Nascido no Pernambuco  
Estado de clima quente  
que passou fome na vida  
Mas que hoje é presidente!<sup>18</sup>*

Luís Inácio da Silva nasceu no dia 27 de outubro em 1945, em Garanhuns, no Estado de Pernambuco, mais especificamente no distrito de Caetés, no sítio Vargem Comprida. A mãe Eurídice Ferreira de Mello, dona Lindu, tinha sido abandonada pelo marido, Aristides Silva, que fora embora para São Paulo, como muitos nordestinos, com a ilusão de que encontraria uma vida melhor. Moravam em uma casa de apenas dois cômodos com chão de barro e sem banheiro. De acordo com Denise Paraná (2009), os banhos só aconteciam a cada semana nos açudes que ficavam cerca de 6 km de distância. “A comida era servida no chão, em potes de barro, sobre uma esteira de palhinha. Só as crianças mais velhas usavam colheres. As menores eram alimentadas com angu e comiam com as mãos” (PARANÁ, 2009, p. 34)

A saída do Nordeste não foi nenhuma excepcionalidade à época. Quando a situação financeira começava a ficar difícil na região, principalmente por conta da seca, muitas famílias tomavam o mesmo rumo: o Sudeste, principalmente a cidade de São Paulo, onde acreditavam que a vida melhoraria. A saga muito semelhante dos retirantes foi registrada por estudiosos e pesquisadores das Ciências Sociais Aplicadas, mas foi registrada também pelos poetas populares que testemunharam a partida de muitas famílias buscando fugir das dificuldades locais, como conta Patativa do Assaré em “Triste Partida”. O poeta narra a epopéia de vários nordestinos que tiveram destino

---

<sup>18</sup> Folheto “A história do garoto que passou fome e chegou a ser Presidente! Luiz Inácio Lula da Silva”, MAIA, José Pessoa. In NETO, 2009.



semelhante ao da família de Lula: venderam tudo que tinham por um preço muito baixo e seguiram em um pau-de-arara para o sudeste.

*E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,  
Inté mêrmo o galo  
Vendêro também,  
Pois logo aparece feliz fazendêro,  
Por pôco dinhêro  
Lhe compra o que tem.*

*Em riba do carro se junta a famia;  
Chegou o triste dia,  
Já vai viajá.  
A seca terrive, que tudo devora,  
Lhe bota pra fora  
Da terra natá.<sup>19</sup>*

A vida profissional de Lula começou cedo. Para Aristides, um homem que, de acordo com Paraná (2009), era machista e autoritário, as crianças deveriam trabalhar para ajudar no sustento da casa. Em 1960, com 15 anos de idade, Lula matriculou-se no curso de torneiro mecânico no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de São Paulo. Formou-se três anos depois. As circunstâncias de trabalho eram muito precárias, não havia segurança. Quando trabalhava à noite na Fábrica Independência, enquanto alguns colegas dormiam, um parafuso quebrou e o braço da prensa caiu em cima de uma mão de Lula e ele perdeu um dedo.

Lula conheceu a pobreza de perto. Teve de enfrentar muitas dificuldades, tinha o maior salário da casa, mas isso não significava muito. Precisava ajudar nas despesas e muitas vezes o dinheiro que recebia não dava para pagar o ônibus. Precisava voltar para casa sempre caminhando. Lula também enfrentou problemas com a saúde pública oferecida. Em maio de 1971, Maria de Lourdes, a primeira esposa, morreu por negligência médica em um hospital público, quando esperava o primeiro filho do casal.

Entre os trabalhadores, Lula ia se tornando uma imagem popular. A militância política começa a aparecer quando ele entra para o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista. Como representante do Sindicato, era chamado para as negociações com os empresários. Em 1972, foi convidado para ser o primeiro Secretário do Departamento Jurídico do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Em 1975, Lula foi indicado a concorrer à presidência do sindicato, o que mostra que, em apenas três anos, Lula teve uma ascensão rápida no Sindicato, a qual o possibilitou ir de secretário a

---

<sup>19</sup> ASSARÉ, Patativa do. Triste Partida.

presidente. Foi eleito com 92% dos votos e, ao assumir a presidência, tinha discursos que criticavam tanto o socialismo quanto o capitalismo, o que ainda desagradava a muitos.

Em 1978, Lula foi reeleito para a presidência do sindicato com 98% dos votos, mostrando que o talento de Lula para a militância política estava sendo reconhecido. Os discursos agressivos e interpretados como radicais não o afastaram da liderança do sindicato, pelo contrário, serviram pra mostrar a força da categoria.

Naquele ano de 1978, Lula se tornou nacionalmente conhecido. Alguns jornais do exterior também publicaram seu nome, como líder de greves inéditas. Ele já conseguia conversar de modo desinibido com quem quer que fosse. Os meios de comunicação de massa, com exceção dos mais conservadores, viam Lula com bons olhos. Ele era um grande mobilizador da classe trabalhadora contra a ditadura militar, um regime que, naquela época, depois da crise econômica de 1973, já não interessava a tanta gente. Além disso, por nunca ter construído nenhum vínculo com partidos ou organizações de esquerda, era tido como um homem em quem se podia confiar (PARANÁ, 2009, p. 126).

### **3.3 O Nordeste e um nordestino na Presidência**

A chegada de um nordestino, ex-operário, à Presidência da República, trouxe de volta uma série de discussões sobre a imagem que o Nordeste difunde para o restante do País. Voltam a ficar em evidência os problemas sociais da região que levaram a família de Lula para São Paulo. O fato de Lula ter se deparado com esses problemas, tão comuns aos de outros diversos nordestinos, possibilitou uma identificação com o personagem que passava a unir características dos tantos outros personagens famosos do imaginário nordestino:

(...)personagem prototípico do arquétipo do vencedor que habita a cabeça dos nordestinos. Valente como Lampião, sem ser bandido; homem de fé como Padre Cícero e Frei Damião; barbudo e condutor de massas como um Antônio Conselheiro; inteligente como um João Grilo e um Pedro Quengo; defensor dos fracos como Jesuíno Brilhante; progressista como um JK; forte e bom para os trabalhadores como um Getúlio Vargas; retirante da seca como a família da Triste Partida de Patativa do Assaré, eternizada na voz de Luiz Gonzaga (NETO, 2009, p.21-22).

### 3.3.1. As imagens do Nordeste

O Nordeste brasileiro é uma região que oferece uma infinidade de imagens que se perpetuam pelo País e geram diversos estereótipos. Muitas dessas características são refletidas na imagem de Lula e na forma como ele é visto. Por isso, é importante apontarmos e refletirmos sobre tais imagens e como essas moldam o imaginário difundido sobre Lula.

O Nordeste brasileiro é dotado de muitos estereótipos sobre o povo, sobre a cultura, sobre o clima. Tais estereótipos são justificados pelo contexto histórico em que o Nordeste está inserido. E a própria elite local e os eruditos da historiografia foram responsáveis pela difusão dessas características, pois essa propagação resultaria na manutenção de sua posição social. A elite apelou, de acordo com Penna (1992), a um passado brasileiro comum, apontando o Nordeste como o berço da nacionalidade.

A simples menção do termo “Nordeste” sugere uma diversidade de conceitos, significados e imagens. As imagens surgem, principalmente, a partir dos estereótipos da ideia de nordestinidade, criados no próprio Nordeste, por exemplo, pelas elites políticas e pelos letrados da própria região, e consolidados pela mídia, tanto local quanto nacional.

Verdadeiros mitos de origem serão criados pelos intelectuais de cada área, afirmando a diferença em relação ao seu espaço antagônico desde o início, explicando assim as profundas diferenças regionais que começavam a vir à tona, além de colocá-lo no centro do processo histórico do país (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 102).

Estão vinculados à imagem do nordestino os tipos sociais vistos com maior desprezo, a exemplo do flagelado, do retirante, do pau-de-arara, do fanático religioso, dentre outros. Um dos primeiros episódios que dão partida a essa identidade cultural do nordestino, segundo Albuquerque Jr. (2007), é a seca de 1877, que acontece no auge da queda das elites locais, quando são, pela primeira vez, atingidas pela seca recorrente na região. A existência de uma imprensa organizada e capaz de repercutir o acontecimento serviu para divulgar o fenômeno natural e associar as imagens da seca a todo o território.

O discurso da seca, uma arma poderosa das elites nordestinas para reivindicar verbas, empregos, investimentos, privilégios de toda sorte junto ao governo federal, usada ao longo de todo o século XX, vai tomar este fenômeno como explicativo de todos os problemas econômicos, sociais e políticos enfrentados por este espaço (ALBUQUERQUE JR, p.107, 2007).

O Nordeste, assim como outras regiões, possui imagens de pessoas que se tornaram nacionalmente conhecidas através dos estereótipos concebidos pela mídia. São nordestinos magros, pequenos, amarelos, frágeis devido ao fenômeno da seca que destrói sua estrutura física e emocional. São os cangaceiros, violentos por terem tido suas famílias destruídas pela ganância dos coronéis. São estereótipos construídos como essenciais para a construção do Nordeste na mídia, nas artes, etc. Fica difícil caracterizar o Nordeste nas outras regiões do país sem mencionar essas personagens estereotipadas. “O Nordeste é uma criação imagético-discursiva cristalizada.” (ALBUQUERQUE JR, 2006, p. 192)

“O Nordeste é uma criação recente, uma tradição inventada há pouco” (BARBALHO, 2004, p. 157). A identidade nordestina foi construída a partir de uma tradição, criada pelas elites locais, conservadoras, contra o desenvolvimento que se estabelecia no sul do País com a indústria do café em detrimento da economia nordestina, baseada na cana-de-açúcar e no algodão. Soma-se a isso a necessidade da elite açucareira em evocar um passado glorioso, com uma tradição. Essa tradição serviria para a manutenção de privilégios alcançados nos tempos em que o açúcar era o principal produto de exportação do País.

Sobre o Nordeste, explora-se a imagem da seca e da destruição emocional que ela causa, além dos impactos climáticos e socioeconômicos. A esse elemento, atribui-se, também, a recorrência de imagens como a do cangaceiro, do banditismo social, e a dos beatos, dos movimentos messiânicos. Tais temas e seus personagens principais são recorrentes na literatura de cordel, chegando a serem os mais mencionados. São elementos que despertam a solidariedade nacional, voltando as atenções do País para a região, porém, essa atenção vem com um senso de piedade.

É comum que, quando uma região se refere à outra, utilize elementos etnocêntricos. No Sul, costuma-se ressaltar os hábitos nordestinos que são estranhos aos sulistas, toma-se o próprio espaço como referência. Com isso, acaba-se rotulando a outra região como atrasada, arcaica. Utiliza-se um lugar comum, deixando de lado as especificidades internas, dando margem à construção de estereótipos. Além da imagem da seca, tema recorrente nas obras literárias no Nordeste, o nordestino é associado ao atraso, como alguém que rejeita o mundo moderno, que repudia a sociedade burguesa. “Ainda hoje o Nordeste é pensado como um lugar de tradição, enquanto São Paulo é pensado como o lugar do moderno”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 101).

Os meios de comunicação, muitas vezes, bebendo desse estereótipo acerca da imagem do nordestino, acabam reforçando a ideia de oposição entre Norte e Sul do País, chamando de Norte as regiões Norte e Nordeste. A imagem de atraso da região foi, durante muito tempo, espalhada no restante do País, que se apropriou dessas ideias e mantém, até hoje, um pré-conceito sobre o que seja o Nordeste brasileiro. As imagens da região são apenas a seca do sertão e as praias paradisíacas do litoral.

É a oposição que se faz entre o folclórico e o urbano, associando-se sempre o Nordeste às imagens do folclore, normalmente fixas e imutáveis. O nordestino é reconhecido muitas vezes como uma figura masculina, rude, vinda da zona rural, onde a maioria não tem acesso aos códigos que controlam a vida na cidade grande, desconhecem os hábitos, os costumes, os comportamentos e a condição social ao chegar às grandes capitais. Isso acaba reforçando o estereótipo. Imagens que muitos nordestinos realmente possuem, ou possuíam, antes de abandonar o local de origem. O pai de Lula, Aristides – que viajou para o Sudeste antes da família, em busca de melhores condições de vida –, mantinha a mesma postura machista quando os recebeu em São Paulo, incomodado com a teimosia de dona Lindu.

Hoje estão difundidas ideias de pobreza e subdesenvolvimento nordestino. O personagem aparece como o retirante que, ao chegar ao Sul/Sudeste, toma empregos de nativos ou servem apenas para servirem a eles. Questiona-se a inteligência dos nordestinos, como aconteceu nas eleições de 2010, nas quais Tiririca, palhaço cearense, natural de Itapipoca, foi eleito o deputado federal de São Paulo com maior número de votos no Brasil. Quando questionados sobre o fato de os paulistas não saberem votar, muitos justificam a eleição de Tiririca por votos de nordestinos.

O jornalista Diogo Mainardi, colunista da revista *Veja*, editora Abril, publicou em setembro de 2006, véspera das eleições presidenciais em que Lula conquistou o segundo mandato, a crônica “Sem Lula o mundo é melhor”, onde ele se refere aos nordestinos como “pobres ignorantes”:

Os pobres ignorantes são o principal tema de disputa entre os analistas de pesquisas eleitorais. Em particular, os pobres ignorantes do Nordeste. Os lulistas acreditam que os pobres do Nordeste são tão ignorantes, mas tão ignorantes, que vão acabar votando em Lula, apesar dos quarenta malfeitores. Os tucanos discordam. Eles acreditam que os pobres do Nordeste podem até declarar voto em Lula nas pesquisas eleitorais, mas são tão ignorantes, tão ignorantes, que vão apertar o botão errado na hora de votar, anulando suas escolhas. Sempre que Lula ultrapassa a barreira dos 50 pontos, sou obrigado a apelar para esse argumento. (MAINARDI, 2007, p. 136)

### 3.3.2 Lula: o Presidente Nordestino

Lula, principalmente por ter sido retirante, não escapa das imagens que são propagadas sobre o Nordeste e o nordestino. A saída do Nordeste em um pau-de-arara, as condições em que a família vivia na região e tudo que precisou fazer para enfrentar os riscos de uma viagem desse tipo rumo ao Sudeste se assemelham à história de muitos outros nordestinos.

O Nordeste fica com o papel de reserva de mão-de-obra barata e mercado consumidor dos produtos industrializados do Sul, de acordo com Penna (1992). O caminho percorrido por Lula não foi diferente do que muitos outros nordestinos fizeram em busca de melhorar de vida em São Paulo. Os retirantes da seca tinham a esperança de encontrar o fim da miséria que enfrentavam na região por conta de diversos fatores, como o coronelismo, o clima, a descrença de que tudo poderia melhorar por lá. A imagem causada por esses tipos, já comuns no Sul do país, era do flagelo, da dor e do sofrimento causados pela pobreza extrema e pela falta de esperança.

A eleição em 2002 de um presidente nordestino que estava realmente comprometido com as causas sociais voltou os olhos do país para a região. Foram criados programas sociais e de incentivo à cultura, novas universidades federais e novos cursos nas já existentes, além de novos cursos de pós-graduação. O Nordeste deixa de ser um apêndice no país e passa a ser parte integrante. Obras de grande porte como refinarias e a transposição do rio São Francisco, dentre as tantas ações do Governo Federal voltadas ao Nordeste, tiram progressivamente da região a ideia de atraso cultural, econômico e social.

Não apenas os meios de comunicação de massa transmitem essas imagens, mas obras de arte são instrumentos que também contribuem para a difusão das imagens consolidadas do Nordeste. Filmes, livros, pinturas, músicas etc. levam para o restante do país os referenciais que criam a relação entre o espaço e seus habitantes. A poesia de cordel, nas formas oral e impressa, transmite as impressões que o poeta, normalmente nordestino, tem do lugar, da cultura, difunde histórias e apresenta-se como testemunha de toda uma tradição e dos fatos que acontecem na vida dele e estão diretamente ligados à vida na região.

Albuquerque Jr. (2006) afirma que o cordel fornece uma estrutura narrativa e um código de valores que são incorporados em vários momentos da produção cultural

nordestina. A memória coletiva é ressaltada, porém, mantendo as mesmas tradições e difundindo-as. “É, pois, este discurso do cordel um difusor e cristalizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a ideia de Nordeste.” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 113). O cordel ultrapassa a visão representativa, pois ele trata da própria realidade do Nordeste. É um elemento que conserva a memória popular, produzida e consumida pelo próprio povo. “Memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades. [...] Uma prática discursiva que inventa e reinventa a tradição” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 113).

E os cordéis, em sua maioria escritos por poetas nordestinos, têm na imagem de Lula a figura de um herói, o qual, tendo passado pelas mesmas dificuldades, pelos mesmos problemas, por ter sido pobre e ter enfrentado as situações complicadas para ter o mínimo de assistência, será capaz de resolver ou, ao menos, amenizar as dores enfrentadas por quem continua sem grandes recursos para enfrentar a vida.

### **3.4 Em 2002 a Esperança vence o medo e o Nordeste chega à Presidência**

A eleição de 2002 foi a 19ª direta para presidente. A coligação de Lula unia o Partido dos Trabalhadores (PT), ao Partido Liberal (PL), ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), ao Partido da Mobilização Nacional (PMN) e ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Para vice-presidente, concorreu José Alencar, empresário que, tendo apenas o curso primário completo, em 2002 empregava cerca de 16 mil pessoas e chegava a faturar um bilhão de reais por ano. José Alencar era senador pelo PL e ajudou a viabilizar a campanha de Lula. Lula enfrenta as eleições pela quarta vez, em 2002, dessa vez, sem tanta resistência do eleitorado, como precisou enfrentar em 1989, 1994 e 1998.

Durante a campanha de 1989, Lula aparece como homem radical, a ele é atribuída a imagem de perigo, como candidato que apresenta um caminho desconhecido aos eleitores (RAMALDES et PRADO, 2008). O principal concorrente é o alagoano Fernando Collor de Mello, candidato eleito no segundo turno e depois de uma campanha de marketing pesada contra a imagem de Lula e com o apoio da grande mídia, responsável por enfatizar características consideradas negativas de Lula para amedrontar os eleitores, difundiu a ideia de que a chegada do petista à Presidência da República causaria transtornos à ordem que parecia finalmente se restabelecer no País,

depois de 21 anos de ditadura militar. Divulgava-se que aquele homem, de imagem tão comum e tão próxima à realidade dos brasileiros, não seria capaz de segurar o Brasil, ao contrário de Fernando Collor, que, apesar de jovem, aparecia sempre com boa aparência e firmeza na postura e no olhar, transmitindo segurança aos eleitores. Collor é o candidato que a elite precisava.

Em 1994, Lula reaparece como candidato do PT a Presidente da República para suceder a Itamar Franco, vice que assumira a Presidência depois do processo de impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello. A campanha agora é contra Fernando Henrique Cardoso (PSDB), sociólogo e ex-ministro da Fazenda de Itamar Franco, cujo principal argumento de campanha é a criação do Plano Real, que teria sido o salvador da Pátria em uma época em que a inflação era a pior inimiga da sociedade. O discurso é ainda o maniqueísta no qual Lula representa o mal para o País. Já em 1998, a disputa acontece em um mesmo contexto socioeconômico. O Brasil não mudara muito, e Fernando Henrique Cardoso é novamente eleito.

Havia, em 2002, uma insatisfação com a situação do País que só seria resolvida com uma mudança radical ou que, pelo menos, se pensasse ser radical. É nesse momento que reaparece Lula com uma imagem reconstruída pelo publicitário Duda Mendonça. Lula é apresentado não mais como reflexo de um radical socialista que amedronta vários setores da sociedade, mas, com um novo figurino, uma nova postura e até um discurso mais suave e menos agressivo que nas eleições anteriores.

O argumento de campanha de Lula é o enfrentamento ao desemprego e a criação de programas sociais de combate à fome. O programa Fome Zero é o ponto central da campanha. Em 2002 precisava-se convencer o Brasil de que aquele homem, ex-sindicalista, representante dos trabalhadores, tem, sim, condições de governar um País das dimensões do Brasil e resolver seus problemas mais urgentes, além de sustentar o País em uma boa posição diante do cenário internacional.

Quanto à apresentação de Lula em 2002, foi ressaltada a idéia de um homem comum, de origem humilde, mas cuja liderança se deflagrou como uma trajetória não planejada, fruto de sua trajetória pessoal, como imigrante nordestino que lutou pela sobrevivência. Sua ligação com a classe trabalhadora foi revista e apesar de defender a luta contra o desemprego, Lula foi apresentado como um candidato de todos (BEZERRA et SILVA. 2009, p.12).

A imagem de Lula se forma no imaginário dos brasileiros como aquele que viria para salvar a pátria daqueles que conseguiam sugá-la, mesmo que ela já estivesse



quase destruída. Esse espaço do imaginário é o mesmo onde se criam as histórias e os personagens dos cordéis. E como os personagens dos cordéis, Lula é visto como o herói, personagem messiânico em quem o povo deposita toda a esperança que resta. Assim como Padre Cícero, Lula usaria sua posição para ajudar os pobres, é tido como ídolo por representar um desses sertanejos pobres e devoto de Padre Cícero. Um homem que naquele momento está chegando à Presidência da República. Folhetos de cordel são escritos para homenagear o Presidente que venceu as eleições.

A vitória foi de Lula e não do PT. Lula era o líder carismático que causava identificação nos seus eleitores. Lula venceu em todas as regiões do País, superando os concorrentes entre os eleitores masculinos, femininos, por faixa etária, de renda e de escolaridade. Cerca de 79% dos eleitores foram às urnas em 2002 e ao eleger Lula, mostravam-se mais confiantes em si mesmos. Lula recebeu, em 2002, 52.772.592 votos no segundo turno, quando foi eleito, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Na cerimônia de posse de Lula, dia 1º de janeiro de 2003, estiveram presentes líderes de esquerda latino-americanos, como Fidel Castro, de Cuba, e Hugo Chávez, da Venezuela.

### **3.5 A crônica presente nos folhetos sobre Lula**

Uma das principais características da crônica é o registro da memória de um tempo a partir dos fatos cotidianos. Cordelistas relatam os momentos mais marcantes da biografia e da trajetória política de Lula a partir das impressões que têm dele e das transformações proporcionadas pelos programas sociais, ou mesmo pela idealização do herói, alguém que tinha uma vida simples e lutou, a ponto de chegar ao cargo mais alto de um país, na expectativa de que jamais iria desamparar o povo. Afinal, esse herói já conhece a luta e o sofrimento cotidiano. Havia nele uma esperança.

Os folhetos sobre as eleições de Lula contam a história com uma linguagem que se aproxima da fala cotidiana dos poetas. Eles são testemunhas do momento histórico vivido, mesmo que tenham se apropriado das informações através dos veículos de comunicação tradicionais. O poeta insere emoção, gratidão, expectativas sem deixar de lado a informação, responsável pela manutenção da memória de um tempo através dos acontecimentos da época e como tais acontecimentos se refletem na vida cotidiana dos poetas.

A vida de Lula e a trajetória que o levou a se tornar um político influente internacionalmente estão registradas, além da historiografia oficial, pelos folhetos, que vão além do simples relato, mostrando o que a vitória de Lula significou para o povo brasileiro, que vinha desiludido com a política.

Neste capítulo, faremos a análise das características de crônica presentes em alguns folhetos que mencionam as eleições de 2002 e 2006. A primeira eleição aparece em maior número devido à quantidade maior de folhetos encontrados com o tema. Escolhemos sete folhetos sobre as eleições de 2002 e cinco sobre as eleições de 2006. Eles serão apresentados em dois tópicos: “A esperança venceu o medo – Eleições de 2002” e “Deixe o Homem trabalhar – Eleições de 2006”.

### **3.5.1 “A esperança venceu o medo” – Eleições de 2002**

As eleições de 2002 tinham uma grande semelhança com as de 1989: uma enorme carga de esperança de que algo novo acontecesse, de que a mudança realmente chegasse. Havia um cansaço com relação à situação do País, o histórico de corrupção, inflação e pobreza. A sociedade ansiava uma ruptura com o sistema que vigorava e isso se refletiu na Literatura de Cordel. Muitos foram os poetas que, contando a história de Lula, imprimiam em versos as expectativas de melhorias de vida para todos os setores da sociedade, principalmente para os mais pobres, quem mais sofria com as crises. Os poetas acreditavam que, por ter vivido muitas dificuldades e conhecido as situações de extrema pobreza, Lula viria para salvar o Brasil.

Assim como a crônica, o cordel possui características de composição que o permitem dialogar com a Literatura, com o Jornalismo, com a História e tantas outras áreas do conhecimento. Os folhetos contam a história a partir das experiências que os poetas vivem, resgatam fatos do passado e com eles interpretam o presente. É o caso do folheto “A vitória de Lula: Presidente do Brasil”, do poeta sergipano Zé Antonio.

Zé Antonio, antes de falar da vitória de Lula, em 2002, conta a história do personagem desde que saiu de Garanhuns. O poeta faz uma crônica-narrativa, tipologia de crônica que, para Afrânio Coutinho (1987), se aproxima do conto. O cordel apresenta eventos como a eleição de Lula para o Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD Paulista, liderança de greves, criação do PT e da CUT, eleições de 1989, 1994 e 1998, em ordem cronológica. O poeta faz a narração inicialmente utilizando adjetivos e atribuindo juízo

de valor diante dos fatos históricos. Uma poesia que está próxima do conto, mas trata de fatos verídicos, já registrados pela historiografia oficial e transcritos para a poesia popular.

*Oh Deus Pai Onipotente  
Dai-me inspiração febril  
Para versar a historia  
Com desejo varonil  
Sobre a vitória de Lula  
Presidente do Brasil*

A linguagem cotidiana, comum às crônicas, está presente no texto quando, por exemplo, o poeta apelida personagens, como Fernando Collor de Mello, chamado de Colloral e pela presença de neologismos, quando fala que o ex-presidente foi “impitchado”. O cordel, como uma literatura que tem origem na voz, na fala, apresenta essa linguagem que chamamos de cotidiana e é utilizada no dia a dia para comentar os fatos de relevância nacional.

*A inflação já vai longe  
A passo de tartaruga  
O nosso servidor público  
Na cara cria uma ruga  
Oito anos sem aumento  
Se salário que se enruga*

E, ao referir-se à vitória de Lula em 2002, o poeta registra a opinião do povo diante de um fato que interferirá diretamente no cotidiano do País, que é a eleição de um novo Presidente, no qual se deposita, então, uma imensa expectativa de mudança.

*No ano de 2002  
O povo fazendo súplica  
Disse: agora quero Lula  
Presidente da República  
Pra governar o Brasil  
Moralizar a coisa pública*

Em “A vitória de Lula”, do cordelista paraibano Paulo Canuto, faz-se uma crônica-comentário sobre o contexto que envolve uma eleição. O elemento inicial que o poeta utiliza é o voto. Como em uma crônica em prosa, o poeta se apropria de um detalhe para refletir acerca de um fato maior, que são as eleições e as consequências delas para o País.

*O voto é única arma  
Pra você servir-se dela  
Vencer seus adversários  
Mas precisa ter cautela  
Aprender a manobrá-la  
Senão quando for usá-la*

*Se acidenta com ela.*

O poeta então passa a avaliar os motivos que levaram Lula a ser eleito:

*Portanto, meus companheiros  
É a razão que circula  
A inflação galopou  
Igual uma burra mula  
A fé do povo caiu  
Tudo isso contribuiu  
Para a vitória de Lula*

Traços da linguagem literária se fazem presentes na composição deste cordel, ainda que ele traga fatos reais. Encontramos metáforas simples, comparações que permitem que entremos no universo da linguagem literária, devido à utilização de figuras de linguagem, a exemplo da metáfora do voto sendo tratado como arma, recurso retomado em todo o cordel. A pobreza pela qual Lula passou é mencionada novamente como um elemento de credibilidade diante das mudanças que se espera.

O poeta escreve o cordel no dia da eleição, logo depois de receber o resultado. Portanto, cumpre com a função de informar, ainda que esse não seja o objetivo primeiro. Muito mais importante para esse cordel do que informar sobre a eleição de Lula – mister que a televisão, o rádio e os jornais cumprirão –, é apresentação do olhar de Paulo Canuto sobre essa vitória, o caminho que ele acredita tê-la feito acontecer, partindo da própria avaliação sobre o valor dos votos, avaliando o governo do Partido da Social Democracia Brasileira (PSBD) e atribuindo a isso a derrota de José Serra.

A biografia de Lula é retomada na maioria dos cordéis que contam a vitória dele em 2002, como, por exemplo, acontece em “De operário a presidente: a esperança venceu o medo”, do cordelista Francisco Melchades Araújo, cearense de Santana do Acaraú. A história de Lula faz parte desse contexto que se instaura com a eleição, afinal, é uma peculiaridade um nordestino retirante, que foi líder sindical e perdeu três eleições, chegar à Presidência. Cada um com impressões próprias faz uma crônica biográfica, registra a memória de um homem e, ao mesmo tempo, de tantos outros brasileiros que passaram pelas mesmas dificuldades, mas nem sempre alcançaram um destino de tanto sucesso como foi no caso de Lula.

*Lula vem em linha reta  
Desde o tempo de menino  
Nascido em Pernambuco  
Deste Sertão Nordestino  
Honesto e trabalhador  
Muito pobre e peregrino.*

*Pela força do destino  
Lula deixou seu Estado  
Foi direto pra São Paulo  
Confiante e conformado  
Levando dentro do peito  
O seu sonho planejado.*

A crônica biográfica registra os acontecimentos da vida de alguém. Isso costuma acontecer nos folhetos de cordel com personagens que permeiam o imaginário dos poetas, caso de Lula. A memória biográfica desses personagens está registrada na Literatura de cordel. O poeta Francisco Melchíades passa por essa retrospectiva da vida de Lula para apresentar a opinião sobre o governo que está para chegar. É a partir da história de Lula que o poeta prepara terreno para uma avaliação do governo que virá:

*Lula sabe realmente  
A vida de um empregado  
Já foi torneiro mecânico  
Peão assalariado  
Trabalhou de metalúrgico  
Muitos anos no passado.*

Para o poeta, a história de vida de Lula será responsável por ditar os rumos do governo. Ele baseia-se em fatos do passado para interpretar o presente.

*Neste especial enredo  
Feito com inspiração  
Por poeta cordelista  
Que tem boa narração  
Conta o passado de Lula  
Presidente da Nação*

Resgate histórico também é feito no cordel “Lula: de metalúrgico a Presidente”, do piauiense Pedro Costa. Ele passa pela história dos ex-presidentes, ressalta sofrimento nos tempos da monarquia e avalia, a partir dos conhecimentos históricos, as expectativas para o futuro governo. O poeta fala da História pelos conhecimentos adquiridos, mas registra o momento da vitória de Lula e das próprias expectativas por testemunhar aquele sentimento de esperança que vencia o medo.

*Sabemos que é difícil  
Porém não é impossível  
Lula também veio do nada  
E de uma maneira incrível  
Chegou aos ultimo degrau  
De uma forma invencível.*

“A peleja da esperança com o medo” é outro folheto que parte do relato biográfico sobre Lula para falar sobre a vitória nas urnas. É um folheto em que o autor,

Marcus Lucenna, faz uma crônica comentário, de acordo com a definição de Afranio Coutinho (1987). Trata-se do texto que se propõe a comentar o acontecimento que está sendo relatado. O comentário é feito de forma poética, utilizando os sentimentos e as emoções do poeta como base, o que reflete mais ainda a presença da subjetividade para a composição do texto. Subjetividade que é uma das principais características da crônica como gênero literário vincado ao espaço do jornal seja de forma explícita, seja trabalhada implicitamente; quer na perspectiva da formulação de juízos de valor, quer na dimensão poética e lírica da expressão verbal.

*Pra chegar à presidência  
Por quatro vezes tentou  
Perdeu três, porém na última  
A sua estrela brilhou  
A esperança e o medo  
Lutaram e o sonho ganhou.*

*Vai, caboclo nordestino,  
Nós vamos lhe ajudar,  
Vá cumprir o seu destino  
Não deixe o sonho acabar.  
Seja forte, mas é lindo  
Ser cabra macho e chorar.*

Com efeito, a subjetividade do cordelista João Melchíades, em “De operário a presidente: a esperança venceu o medo”, é notada quando ele se coloca no texto, aceitando que os fatos que analisa têm interferência direta em sua vida. A narração da vida de Lula está em terceira pessoa, mas passa para a primeira pessoa, ou seja, o “eu” do cordelista aparece para afirmar que ele contribuiu para eleger Lula, faz parte do povo que já não aguentava mais tanta exploração e também é vencedor da batalha “contra o capitalismo”. Dá vazão, portanto, à referencialidade da linguagem impessoal do jornalismo, cuja ênfase recai no uso da 3ª pessoa do singular, aliada à 1ª pessoa do plural, marca da expressão subjetiva no texto.

Subjetividade também é encontrada no cordel “Já que Lula ganhou as eleições”, de Apolônio Cardoso, da Paraíba. O poeta é repentista e os versos estão escritos em décimas.

*Agradeço ao índio botocudo  
Todo sangue que corre em minha veia...  
De tesouros a pátria estava cheia,  
Mas o povo europeu carregou tudo.  
O selvagem de couro cabeludo  
Primitivo, vivendo em nossa mata,  
Que guardava o chumbo, o ouro e a prata,  
Deram origem ao caboclo e ao mestiço:*

*A ganância acabou com tudo isso,  
Deu lugar ao gatuno de gravata.*

Para Massaud Moisés (1997), a crônica atinge elevados graus líricos quando consegue ligar o acontecimento que narra, comenta, opina ou cria com o próprio íntimo. Isso é que faz da crônica um gênero subjetivo, e essa característica está sempre presente nos folhetos de cordel, afinal, as narrativas dependem da visão que o poeta tem sobre elas. Quando Apolônio Cardoso relata a vitória de Lula em 2002, ele explora a própria vida e os sentimentos pelo Brasil para expressar a esperança de que o Brasil mudará para melhor.

*Já que Lula ganhou as eleições  
O Brasil vai mudar pra melhor  
O operário derrama seu suor  
Na história de tantas sucessões.  
Trabalhamos demais para os patrões  
Mas o título e o batuque da enxada  
Transformaram a vereda numa estrada  
Pra podermos ganhar a liberdade,  
Nossas mãos construíram a humanidade,  
Mas tivemos de volta quase nada.*

“Já que Lula ganhou as eleições” tem apenas uma estrofe que se refere à eleição de Lula, o restante está voltado para o poeta e para as impressões dele sobre a situação atual na época e a História do Brasil. Utiliza uma linguagem poética, o que mostra ainda mais a subjetividade presente no texto. Sentimentos do poeta, como a gratidão, o orgulho, as frustrações são retomados nas oito estrofes, enquanto, ele se refere à História do Brasil e a personagens que ele admira. Nesses versos, a subjetividade do poeta aparece muito mais do que a eleição de Lula. Trata-se do que Massaud Moisés (1997) chama de crônica poética, uma crônica que explora o “eu” do poeta, como pressupõe o gênero lírico.

*Quase não aprendi a taboada  
Já que fui pouco tempo pra escola  
Porém, na faculdade da viola  
Eu decifro até qualquer charada  
Aprendi a cantar a “Pátria Amada”  
Com alguns poucos meses de estudo  
Agradeço demais ao “mestre mudo”  
Ao mostrar-me o brilhar das nebulosas:  
Quis cantar o Sertão em minhas glosas  
Mas Euclides da Cunha cantou tudo.*

Em 2002, a sociedade estava bastante empolgada com a ideia de mudança que vinha com a eleição de Lula. Militantes iam às ruas e as famílias faziam festas, comemorando as boas novas que estavam para chegar para o País no ano seguinte,

quando Lula assumisse o poder. Essa relação de uma família com a eleição de Lula é registrada no folheto “Agora é Lula ou A festança da vitória lá na família feliz”, de Kyldemir Dantas.

Como em uma crônica, o folheto se apropria de um caso particular para contar uma situação de relevância nacional, que é a mudança do Presidente da República, a chegada de um homem em quem se deposita toda esperança de melhorias sociais, econômicas e políticas no Brasil. O cordel conta a história da família dos personagens Túlio e Mazé no dia 27 de outubro de 2002, como foi a votação e a festa que eles fizeram com o resultado da vitória. Utiliza, assim, uma figura de linguagem – a metonímia – para dar conta de uma parcela significativa da sociedade brasileira, que festeja a vitória do Partido dos Trabalhadores, na figura de Luis Inácio Lula da Silva.

*E haja fogos e músicas  
Do baião ao samba-enredo  
Nos gestos, na alegria  
Ninguém pedia segredo  
Lula é o Presidente  
A esperança venceu o medo*

O cotidiano, o corriqueiro, é uma marca da crônica. O que aparece aos olhos do cronista e do poeta acontece para que todo mundo veja, mas eles têm uma sensibilidade maior por perceberem e escreverem a relação entre o cotidiano, a “coisa miúda”, como chama Afrânio Coutinho (1987), e os fatos de relevância pública, de transformação social. É desse modo que crônica e cordel registram a memória de um povo, contando e cantando as histórias pelo olhar de quem testemunha tais acontecimentos. Isso é feito no cordel da Família Feliz, que faz festas semanalmente, sem que os vizinhos se importem mais.

*Eis uma pequena amostra  
De como é o casal  
Na semana trabalhando  
Como todos, é normal  
Porém, nos fins de semana  
Uma alegria animal*

*Muita festa, música e porres  
Cerveja, cana e zuada.  
A vizinhança decente,  
Já está acostumada  
Sabem que aquela festa  
Vai até a madrugada.*

O folheto conta ainda a ida da família às urnas e as peripécias feitas para garantir o voto, para em seguida falar da festa da vitória.



*Vamos, agora, falar  
De uma festa somente  
Esperada há muito tempo  
Por nós e aquela gente  
22 anos de espera  
Pra ver Lula Presidente*

É a partir daí que o poeta entra na perspectiva nacional das eleições, mas ainda sem abandonar o centro da história familiar. É da especificidade dessa família que ele se utiliza para registrar o momento histórico pelo qual o Brasil está passando, fazer o registro de como a vitória de Lula é recebida por uma família comum. Esse contexto familiar mostra uma proximidade com o leitor. O poeta não precisa valer-se de elementos linguísticos rebuscados, apresenta uma fala clara e contínua, sendo ambíguo em sua concepção. O caso da família que ele utiliza para registrar o momento histórico não precisa necessariamente ser verídico. Pode ser uma *invenção* que surge para ilustrar o fato real.

*Mas como nada é perfeito  
Havia uma casa somente  
Que além de serem contrários  
Moram por lá umas “crente”  
Chatas e putas-da-vida  
Ao ver nosso Presidente.*

Como afirma Flora Bender (1993, p.45), “a crônica existe para o mísero mortal”. É isto que o poeta faz nesse cordel: conta a realidade a partir de uma história comum, que poderia ter acontecido na casa de qualquer um de nós, se é que não aconteceu. O fato de relevância nacional é contado pela perspectiva da festa de uma família, que pode ou não existir; mas é isso que a crônica faz. O cordel assume feições de crônica nesse momento, “desnuda a realidade e, paradoxalmente, a reveste de beleza e ideal.” (BENDER, 1993, p. 45). Faz isso sem deixar de lado o registro de uma memória que poderia se perder com o passar do tempo, pois a historiografia oficial está preocupada em registrar apenas o fato mais relevante, deixando de lado os detalhes, as coisas pequenas que acontecem paralelamente às eleições, as quais, portanto, merecem também ser guardadas, para atuarem juntos na manutenção da memória cotidiana de um tempo.

### 3.5.2 “Deixe o Homem trabalhar” – Eleições de 2006

Em 2006, muitos se mostram frustrados com o governo de Lula por ele não ter realizado uma mudança tão brusca quanto se esperava. Mas a maioria dos brasileiros reconhece que há mudanças, que a vida tem melhorado: os programas sociais já fazem a diferença em muitos lares; o governo nunca tinha sido tão investigado; a inflação está controlada; e a corrupção está sendo combatida. Prova disso, é que Lula consegue ser reeleito no segundo turno, concorrendo com Geraldo Alckmin, do PSDB. Este momento também é registrado pelos poetas de cordel: debates entre os insatisfeitos e os que se sentem beneficiados com o governo; balanços do governo e mesmo do período eleitoral. Todas essas histórias estão registradas nos folhetos.

Para a campanha de 2006, os poetas cearenses Arievaldo Viana e Rouxinol do Rinaré compõem “O brasileiro é quem diz: deixe o homem trabalhar”. As estrofes terminam sempre retomando o slogan da campanha de 2006: “Deixe o Homem trabalhar!”. Os poetas fazem uma retomada da história do Brasil, tecendo comentários, fazendo avaliações acerca dos acontecimentos, que, durante muito tempo, tomaram de conta do País.

*As elites dominaram  
Por mais de quinhentos anos  
Com engodos e enganos  
Nosso país massacraram,  
Para seus netos formar  
A fim de perpetuar  
A grande dominação  
Se o Brasil mudou, então,  
Deixe o homem trabalhar!*

Massaud Moisés (1997) aponta que a crônica está entre a reportagem e a literatura. É nesse intermédio que os cordéis de circunstância se posicionam, quando um poeta retoma os fatos históricos, verídicos, e dá a eles uma linguagem poética, literária, subjetiva. A poesia de cordel dá ao registro da História um tom que a traz para perto das pessoas comuns, para o cotidiano. O mesmo faz a crônica, que oferece perenidade a esses elementos do cotidiano, que poderiam se perder, mas permanecem, pois deles é feito um registro que vai além, penetra na interioridade, na especificidade, na história e nos significados do fato circunstancial.

A eleição e a reeleição de Lula são mais do que simples eleições onde a democracia se faz valer. Na verdade, Lula está carregado de símbolos que permitem

esse olhar diferenciado, que vai além da notícia. E o que os poetas fazem nas duas eleições, nos folhetos em que as relatam é interpretar o significado das eleições em si mesmas, do homem nordestino, retirante e ex-líder sindical, que já tinha perdido três eleições para presidente, mas não se deixa abater e continua lutando para alcançar os objetivos políticos traçados ao longa da vida e para poder ajudar os eleitores que também têm uma vida sofrida. Enfim, são cordéis que incorporam a sintaxe, a função, o estilo e a linguagem entre o coloquial, o referencial e o subjetivo da crônica, finalmente, para enfeixar capítulos da História do Brasil e traços memorialísticos da vida de Luis Inácio Lula da Silva aos juízos de valor e às experiências particulares dos poetas nordestinos.

Além da retrospectiva da História do Brasil, antes de Lula assumir o governo em 2003, os poetas fazem uma análise dos fatos durante o governo, das dificuldades, dos problemas e das melhorias. O viés opinativo é elevado, caracterizando-se como uma crônica de ênfase e sotaque jornalístico de codificação opinativa:

*Ficou mais acreditado  
Na política nacional  
E na internacional  
O Brasil é respeitado  
Pois Lula foi consagrado  
Pelo voto popular  
E ninguém pode mudar  
Eleição é coisa séria  
Pra combater a miséria  
Deixe o homem trabalhar!*

Tanto a crônica como o cordel possuem diversas variações, não possuem uma forma fixa. Na forma de peleja, o cordel pode ser comparado à crônica diálogo, um tipo de crônica que se apresenta em forma de conversa, com dois ou mais interlocutores, e permite a troca de ideias e informações. Em “A peleja de Lula com Alckmin”, de Varnecki Santos do Nascimento, encontramos uma poesia que traz argumentação e debate, apesar de ter sido escrita por um único poeta. Essas variações permitem que cada verso, cada texto possuam uma análise diferente.

“A peleja de Lula com Alckmin” baseia-se em argumentos reais, fatos e escândalos que aconteceram durante o primeiro governo de Lula. A linguagem é de uma conversa: um comenta, e o outro responde. Os dois são candidatos rivais, em 2006, e a peleja acontece como se fosse um debate que utiliza argumentos políticos referentes aos

fatos que ocorreram desde janeiro de 2003, quando Lula assume o governo, até o período de segundo turno, em 2006.

*LULA – Geraldo, eu não ganhei  
Logo no primeiro pleito  
Mas, você não se anime,  
Pensando em ser eleito  
Porque no segundo turno  
Por certo sou reeleito*

*GERALDO – Ô, Lula, pense direito  
Antes dessa afirmação  
Pois o povo não é tonto  
Pra dar continuação  
A um governo fajuto  
Cheio de corrupção*

Os versos são apresentados em sextilhas e representam um debate que vai além de Lula e Alckmin, mas reflete a disputa entre o PT e o PSDB durante os últimos anos. Uma disputa que não fica apenas entre os partidos, mas se reflete na vida de todos os brasileiros. Afinal, os assuntos eleitorais interferem diretamente na vida de todos os setores de uma nação. O momento das eleições de 2006 e os argumentos utilizados no período eleitoral são utilizados na peleja. O cordelista se apropria da situação presente e faz um registro de memória, uma crônica em forma de cordel.

*LULA – Você tá aperreado  
Porque sabe o que eu fiz  
Para ajudar ao povo  
Que vai ser nosso juiz  
E o Brasil melhorou  
Isso todo pobre diz*

*GERALDO – então por que, são Luiz  
O senhor não se eleger?  
Logo no dia primeiro  
Por que isso aconteceu  
É você que é ruim de voto  
Ou bom de voto sou eu?*

A memória de quatro anos de governo é contada na peleja. Os problemas são apontados, mas o poeta, que incorpora Lula e Alckmin como interlocutores, explica-os a partir da forma como ele mesmo encara tais problemas. Lula tem sempre uma justificativa para algo que Alckmin, o concorrente do segundo turno nas eleições de 2006, tem para dizer. Dossiês, Mensalão, CPIs, Bolsa Família, controle da inflação, até a recusa de São Paulo à ajuda do Governo Federal no combate ao tráfico de drogas são registrados nos noticiários, mas, quando a história envelhece, os fatos se perdem.

Porém, a Literatura de Cordel, com sua linguagem poética, registra a história a partir do sentimento do povo que vive essa história, participa dela.

“Lula mais uma vez no poder” é do cordelista cearense Jotabê. Os versos fazem uma narração intercalada com comentários sobre o primeiro mandato de Lula e as causas que o levaram à reeleição. O poeta acredita que com o passar de mais quatro anos, novas mudanças chegarão:

*Sabemos que o presidente  
Vem trabalhando de fato  
Gerando emprego pro povo  
Ter mais comida no prato  
Agora vejam seus planos  
Que tem para os quatro anos  
Do seu segundo mandato.*

Os comentários são feitos realizando um paralelo entre a situação do Brasil nos quatro primeiros anos do governo e as expectativas para o futuro nos quatro anos seguintes. A crônica não está presa ao fato acontecido, ela voa junto com a criação de seu autor, com a imaginação e com as ideias que são capazes de supor quais as melhorias que viriam com um presidente reeleito. A experiência do passado é levada em consideração para que se faça essa suposição do que estaria por chegar. O resgate feito é de um passado um tanto mais recente do que os outros poetas fizeram em seus trabalhos.

São escolhidas como áreas importantes a serem melhoradas a saúde, a educação e a segurança. Áreas que são de interesse público, portanto, consideradas válidas para a perspectiva noticiosa. A certeza de que as mudanças que virão serão positivas fazem parte da subjetividade do poeta, considerando que essa opinião é a dele e que tantas outras pessoas – os que não foram eleitores de Lula – não têm a mesma fé. Mas ainda acreditando na capacidade de Lula, o poeta deixa seu conselho:

*Agora só resta Lula  
Botar mesmo pra valer  
Cumprir tudo quanto disse  
Antes dele se eleger  
Pois quem promete e não faz  
O mesmo povo é capaz  
De lhe tirar do poder.*

O poeta Antônio Lucena de Mossoró parte da mesma ideia de que o povo elegeu Lula por acreditar nele, mas, se for enganado, é capaz de tirá-lo do poder. O cordel se chama “O mesmo povo que derrota elege Lula de novo Presidente”. A

avaliação é acerca da sociedade brasileira e de todas as ilusões pelas quais passaram os brasileiros até o momento de eleger Lula.

*Entra Lula e o sociólogo  
Na parada, disputando  
O cargo de Presidente  
E o Lula, sempre tentando  
E o povo, sem vergonha  
Ao Lula, nocauteando.*

Este cordel possui as características que Coutinho, apud Bender (1993), chama de crônica metafísica, ou seja, um texto dissertativo, com reflexões filosóficas, argumentando sobre as posições que o povo brasileiro tomara no decorrer de sua História, já tendo se enganado diversas vezes, mas depositando sua última esperança em Lula:

*Lula é a única esperança  
Da fome, do desespero;  
Deste povão enganado  
Liso, pobre sem dinheiro  
Povo que vive algemado  
Ao capital estrangeiro.*

Os poetas se posicionam como testemunhas desse momento histórico, que é a reeleição de Lula, como já haviam feito em 2002. Testemunhas do cotidiano transformado com os programas sociais criados no governo de Lula, testemunhas do trabalho do Presidente em prol do povo brasileiro, principalmente em benefício dos mais pobres. Testemunhas da superação para a primeira eleição e do trabalho bem feito para que a segunda fosse possível. Testemunhas do carisma, da força e da coragem de Lula, do destaque que tivera dentro e fora do Brasil. E os poetas registram esse testemunho, impedindo que ele se perca nas páginas dos jornais, ou que permaneçam frios e sem sentimentos na historiografia oficial.

O poeta Gonzaga de Garanhuns, conterrâneo de Lula, escreve “A segunda vitória de Lula”. Neste folheto, há toda a subjetividade do cordelista para mostrar a felicidade de ter Lula como presidente pela segunda vez. Faz uma crônica comentário sobre os fatos do primeiro mandato, mas o faz emotivamente, alegando a integridade de Lula.

*Caro povo brasileiro  
Para o nosso bem-estar  
Lula de novo voltou  
E voltou para ficar  
Porque o Brasil sem Lula  
De novo ia parar.*

Temos neste folheto uma relação entre a história e a memória do poeta, transcrita e difundida por meio dos versos que se mostram ainda crentes nas melhorias que seriam trazidas pelo segundo mandato de Lula. Notamos que Gonzaga faz o que Margarida Neves(1992) aponta como características de crônica, ou seja, uma narrativa e um registro, abrindo espaço para a subjetividade do narrador onde ele apresenta seu olhar diante de um tempo vivido, de uma emoção sentida, de uma memória que guarda, de um fato que testemunhou.

## Considerações Finais

As funções sociais da crônica e do cordel não substituem uma à outra. São dois gêneros literários diferentes, que se aproximam em algumas características, permitindo fazermos associações ao analisarmos folhetos de temas circunstanciais e biográficos. Cordéis noticiosos e históricos são capazes de registrar a memória de um povo através dos relatos carregados de subjetividade. Esses relatos permitem a compreensão de um fato, a partir da particularidade de um olhar do poeta e/ou do cronista.

Essas tais funções sociais se aproximam, possibilitando um diálogo entre os dois gêneros e uma reflexão acerca das criações literárias atuais e do papel que desempenham ao informar, alertar e entreter. Tanto a crônica quanto o cordel, como duas expressões artísticas, apoiam-se na realidade do cotidiano para serem compostas. A mimese está presente nas duas manifestações, indo além da simples imitação/representação, mas constituindo-se de uma forte subjetividade, em que percebemos claramente a presença do cronista e do cordelista em suas obras.

O cordel é, portanto, uma forma poética que, dentre tantas especificidades, temas e formas, diante de uma notícia, transforma-a em poesia. Uma poesia leve, próxima da oralidade, feita para ser cantada e interpretada. Essa notícia não será apresentada sem o acréscimo das emoções e das interpretações do poeta. Ele oferecerá ao público mais do que a informação, já que é fácil de ser adquirida nos tantos outros veículos de comunicação. Insere também uma tradução do fato diante de sua ótica e suas avaliações.

Da performance, o poeta transcreve seus versos, e o ouvinte transforma-se em leitor que vai comprar o folheto e divulgá-lo, mostrar ao mundo, ou simplesmente guardá-lo para deleite futuro. O que acontece aí é a manutenção e perpetuação de uma memória coletiva, feita pelo registro do poeta a partir da individualidade com que vê o mundo. Crônicas e cordéis são capazes de oferecer aos fatos do cotidiano um tom poético e, portanto, conseguem permanecer por mais tempo que uma notícia permaneceria. O tempo da notícia é o tempo do jornal, que as pessoas se desfazem no fim do dia, oferecendo ao periódico o triste destino da lixeira. Crônica e cordel, por conterem traços de linguagem literária ao tratar de um fato da atualidade, conseguem unir a efemeridade da notícia à perenidade da literatura.



O que era uma eleição presidencial adquire uma conotação literária quando ganha as páginas dos folhetos de cordel, considerando todo o processo de criação do poeta para produzir a obra. Porém, mais do que a composição técnica de escrita, impressão e distribuição de um cordel, o processo exige que o poeta entre nos versos e se deixe transparecer. Ele o faz imprimindo opiniões, dogmas, concepções e toda a bagagem simbólica que adquiriu na vida.

O imaginário popular é muito presente na Literatura de cordel, e, ao fazer o relato de um acontecimento, esse imaginário não fica de fora. Esse imaginário, seus símbolos e significados farão do relato poético da realidade uma crônica da vida, um texto em que se consegue perceber o mundo pela ótica do poeta. É explorado dos acontecimentos não o que eles têm de mais relevante para a sociedade, mas o que eles têm que mais interessa ao poeta, mais o emociona, mais lhe toca a alma. O que importava nas eleições de Lula não era apenas a mudança de um presidente, mas os significados que essa eleição tinha no imaginário popular do Brasil inteiro, mas principalmente para o Nordeste.

E de infinitos símbolos está carregada a imagem de Lula, seja para a mídia tradicional e para os estudiosos das Ciências Sociais Aplicadas, seja para as artes e suas diversas formas de apresentação. Lula é, além do político carismático que conquistou admiração nacional e internacionalmente, uma espécie de herói para os nordestinos que se identificam com a biografia dele. A ideia de que Lula seria o redentor dos pobres que viviam sofrendo com os problemas sociais estava circulando na sociedade nos dois momentos em que foi eleito. Essa concepção de Lula ficou registrada nos jornais e nas revistas da época, a Historiografia Oficial cuidou de guardá-la para retomar tal momento nos livros didáticos, as Ciências Sociais analisaram pelos mais diversos ângulos os significados dessa eleição. Tal impressão não poderia ficar de fora das artes, muito menos da Literatura de Cordel, afinal, os poetas compartilhavam da esperança diante do novo que estava por chegar, e deixaram isso registrado em seus versos.

A identificação com o personagem fica clara nos folhetos, em que a grande maioria, antes de entrar no contexto eleitoral, se propõe a retomar a biografia de Lula. Muitas vezes, as eleições ficam em um plano muito menor no folheto, tendo maior destaque a opinião dos poetas diante da esperança que se criava naquele momento, as interpretações que eles fizeram diante dos acontecimentos. Os poetas retomam também a História do Brasil para ressaltar a importância da chegada do ex-metalúrgico à

Presidência. Isso significava uma melhoria para as vidas dessas pessoas, e, por isso, foi tão importante destacar nos textos o orgulho, a emoção e a expectativa diante de um governo que prometia ser diferente de tudo que a História brasileira conhecia.

Os cordéis, com essas características de crônica não ocupam o espaço do jornal, tampouco o substituem. Mas, quando levam ao povo uma notícia, acabam exercendo uma função semelhante, que é a de informar. Mas tanto para o cronista como para o cordelista, a informação não basta. As questões do tempo retratado são tomadas a partir do cotidiano de quem é testemunha deles, ou seja, os poetas e os cronistas. Eles observam o mundo pelos detalhes e, então, conseguem oferecer à História um registro tão importante quanto o que é feito pela Historiografia Oficial, mostrando os aspectos que interferem no cotidiano de toda a Nação.

Os folhetos sobre as eleições de Lula em 2002 e em 2006 foram apenas um exemplo da relação que se faz entre o relato de um fato e o cotidiano pela Literatura de Cordel. Tantos outros poetas com seus folhetos de acontecido registram o presente de forma poética, opinam e oferecem ao público uma interpretação feita pela ótica de sua formação cultural e psicológica. É então que a realidade é cantada, ouvida, transcrita, lida e perpetuada.

A imagem de Lula que ficará na Historiografia Oficial tem uma caracterização diferente da que será perpetuada pelos folhetos. Historiadores buscarão manter-se distantes ao apresentar os acontecimentos, o que os cordelistas não fazem. O registro que eles guardam de Lula é muito mais profundo do que as atitudes políticas que o fizeram perder ou ganhar as eleições, mas marcam o significado que este Presidente teve nas vidas de cada um deles. A Historiografia apresenta Lula em um plano geral, para a Nação como um todo. Os cordéis apresentam Lula a partir de suas particularidades, de acordo com as realidades e com os sentimentos que despertam com a chegada do nordestino à Presidência. E isso também é feito pela crônica, que não se prende ao geral, mas ao particular de uma notícia. Ambos representam seus olhares de testemunhas, deixando os fatos ditos imparciais para os jornalistas e historiadores.

Características de crônica na literatura de cordel tornam-se visíveis quando esmiuçamos um folheto e atentamos para a linguagem, o contexto sócio-histórico, mas principalmente no que se refere ao conteúdo. As semelhanças estão nas essências das duas artes, e não na sua forma, como muitos alegam a impossibilidade de comparação por ser a crônica uma manifestação em prosa e o cordel em poesia. As crônicas

camaleônicas, adaptáveis, moldam-se ao espaço que as aceite, sejam jornais, revistas, livros, ou até mesmo os folhetos de cordel.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das letras, 1999
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007
- \_\_\_\_\_. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006
- ALVES, Brito. **A história de Lula: o operário presidente**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 2003.
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Fragmentos sobre crônica**. In: **Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**. Volume 46, números 1 a 4. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1985, p. 43-53
- ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004
- \_\_\_\_\_. **Cordéis e Outros Poemas**. Fortaleza: UFC, 2006.
- Org. Gilmar de Carvalho
- BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo**. 2004 ([http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n8\\_Barbalho.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Barbalho.pdf)) Acesso: 15/05/2009
- BARROS, Leandro Gomes de. **A Força do amor**. Disponível em [http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro\\_colecao.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao.html) Acessado no dia 10/04/2011
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980
- BENDER, Flora. LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione. 1993
- BEZERRA, Ada Kesa Guedes. SILVA, Fábio Ronaldo. **Novo formato da prática política no cenário midiático: uma análise da construção da imagem pública de Lula nas eleições presidenciais de 2002** In **O Olho da História**. Ano 12, nº9, 2006.
- BRASIL, Aléxia. **Cordel Digital**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005
- CANDIDO, Antonio (org) et ali. **A Vida ao Rés-do-chão**. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p.13-22
- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro**. Fortaleza: edições UFC, 2009
- \_\_\_\_\_. **Moisés Matias de Moura**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011
- COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Teoria Literária**. Fortaleza: Edições UFC, 1987
- CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2001.
- DIEGUES, Manuel et al. **Literatura Popular em Verso: estudos**. Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

- KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001
- LEMAIRE, Ria. **Rer os textos: resgatar as vozes**. In FUNK, G. **Estudos sobre Paatrimônio oral**. Câmara Municipa de Ponta Delgada. Açores. 2007
- \_\_\_\_\_. **Entre Oralidade e Escrita: as verdades da verdade**, In: **Actas do congresso Literaturas marginais**, Porto, Ed. da Universidade do Porto, Portugal: 2008
- LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992
- MAINARDI, Diogo. **Lula é minha anta**. São Paulo: Record, 2007
- MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas : Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p. 93-133
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária – ProsaII**. São Paulo: editora Cultrix: 1997
- NETO, Crispiniano. (Org.) **Lula na Literatura de Cordel**. Fortaleza: Imeph, 2009
- NEVES, Flora. **Telejornalismo e poder nas eleições presidenciais**. São Paulo: Summus, 2008.
- NEVES, Margarida de Souza. **Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas**. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas : Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p. 75-90
- PARANÁ, Denise. **A História de Lula: o filho do Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- PENNA, Maura. **O que faz ser Nordeste: Identidades Sociais, interesses e o escândalo Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.
- PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem Literária**. São Paulo: Editora Ática. 1986
- RAMALDES, Dalva. PRADO, José Luiz Aidar. **O Corpo do Poder: Estudo semiótico da figura de Lula na campanha presidencial de 1989 nas revistas semanais Veja e Istoé**. In BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH - Voume 1 - Number 1 - Semester 2- 2008, p. 167-189.
- \_\_\_\_\_. **Lula candidato Outro: estudo semiótico da figura de Lula nas campanhas eleitorais presidenciais desde 1989 nas revistas Veja e Istoé**. In. Anais Compolítica. 2007. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt\\_ipp-mdalva.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt_ipp-mdalva.pdf)
- REGO, Ana Regina. et. AMPHILO, Maria Isabel. **Gênero Opinativo**. In. MELO, José Marques de. et. ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010
- RONCARI, Luiz. **A estampa da rotativa na crônica literária**. In: **Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**. Volume 46, números 1 a 4. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1985, p. 9-16
- SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1999
- SANTOS, Francisca. **Poética das vozes e da memória**. In: Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido. Org: MENDES, Simone. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010

SILVA, Gisele Taboada da., NERY, João Elias. **A trajetória de Lula nos livros**. 2005. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0481-1.pdf> Acessado em 25 de janeiro de 2011.

TAVARES JR, Luiz. **O mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995

### **Folhetos analisados:**

#### **2002-**

A vitória de Lula – Paulo Canuto

A vitória de Lula: Presidente do Brasil – Zé Antônio

Agora é Lula ou A festa da vitória lá na Família Feliz – Kyldemir Dantas

De operário a Presidente: a esperança venceu o medo – Francisco Melchhiades

Já que Lula ganhou as eleições – Apolônio Cardoso

Lula: de metalúrgico a Presidente – Pedro Costa

Peleja da esperança com o medo – Marcus Lucenna

#### **2006-**

Lula mais uma vez no poder – Jotabê

O mesmo povo que derrota, elege de novo o Lula Presidente – Antônio Lucena

A segunda vitória de Lula – Gonzaga de Garanhuns

A peleja de Lula contra Alckmin – Varneci do Nascimento

O brasileiro é quem diz: deixe o homem trabalhar – Arievaldo Viana e Rouxinol do Rinaré